



A secura do sertão nos versos de João Cabral de Melo Neto

Antonio Secchin

Um poeta alerta às armadilhas da palavra

José Castello

Puro olhar em movimento

Homero Araújo

Leitores tratados “a palo seco”

E mais:

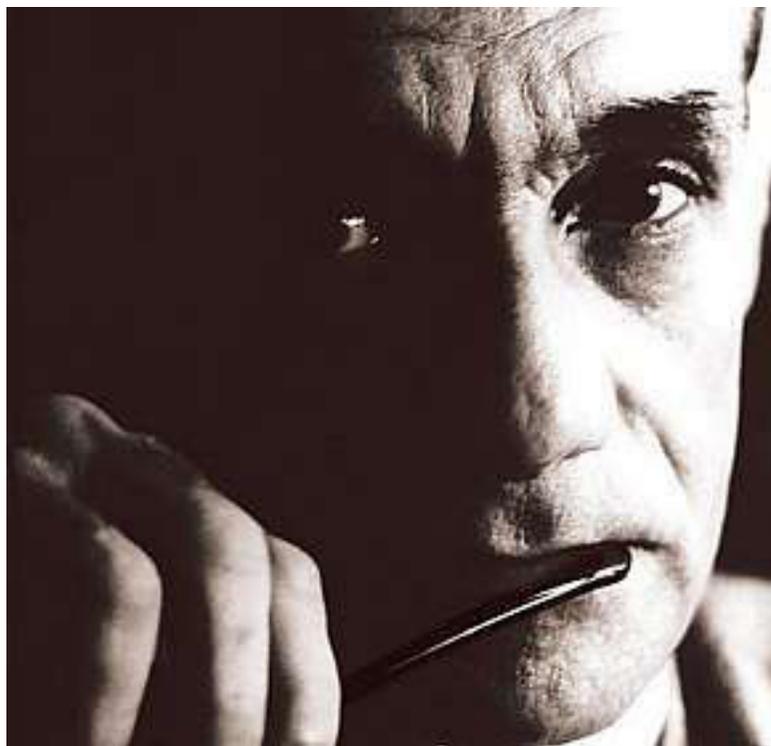
>> **Anselm Jappe:**

“O capitalismo é um parêntese na história da humanidade”

>> **Pietro Corsi:**

“Para Darwin, estar vivo é ser diferente”

A secura do sertão nos versos de João Cabral de Melo Neto



No próximo dia 9 de outubro completam-se dez anos da morte de um dos maiores poetas brasileiros: João Cabral de Melo Neto. Para relembrar a importância deste escritor para a literatura nacional, a **IHU On-Line** desta semana contribui para a compreensão da obra e da vida do autor do clássico *Morte e vida Severina*.

Contribuem nesta edição o escritor e professor **Antonio Secchin**, da UFRJ, **José Castello**, biógrafo do poeta, **Nylcéa Pedra**, doutoranda da UFPR, **Homero Araújo**, professor da UFRGS, **Vera Haas**, professora da Unisinos e **Maria do Carmo Campos**, ex-professora da UFRGS.

Por sua vez o economista **José Eli da Veiga**, professor do

Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo - FEA-USP -, fala sobre a Convenção de Copenhage e a pré-candidatura de Marina Silva à presidência do Brasil.

As entrevistas com **Pietro Corsi**, professor de História das Ciências na Universidade de Oxford, com **Anselm Jappe**, filósofo e ensaísta alemão, e com **Moisés Waismann**, professor da Universidade de Caxias do Sul - UCS, completam esta edição.

A próxima edição da **IHU On-Line** circulará no dia 19 de outubro.

A todas e todos uma boa leitura, uma ótima semana e um excelente feriado na próxima semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | Antonio Carlos Secchin: Um poeta sempre alerta às armadilhas da palavra

PÁGINA 09 | Nylcéa Pedra: O poeta da escassez, da antimusicalidade e da racionalidade

PÁGINA 12 | José Castello: A poesia de Cabral: puro olhar em movimento

PÁGINA 14 | Homero Araújo: Leitores tratados “a palo seco”

PÁGINA 16 | Vera Haas: Uma originalidade que vem da especificidade

PÁGINA 19 | Maria do Carmo Campos: A subjetividade de João Cabral: legado para a literatura contemporânea

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 22 | José Eli da Veiga: “Separar economia do meio ambiente é não entender nada”

» Entrevista da Semana

PÁGINA 25 | Pietro Corsi: “Para Darwin, estar vivo é ser diferente”

» Coluna Cepas

PÁGINA 28 | Luciano Correia dos Santos: Quando a TV quer fazer historiografia

» Destaques On-Line

PÁGINA 30 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos »

PÁGINA 33 | Moisés Waismann: Relações de emprego são relações de poder

PÁGINA 35 | Anselm Jappe: “O capitalismo é um parêntese na história da humanidade”

Perfil

PÁGINA 39 | Darli de Fátima Sampaio

» Sala de Leitura

» IHU Repórter

PÁGINA 42 | Monise Jacques



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

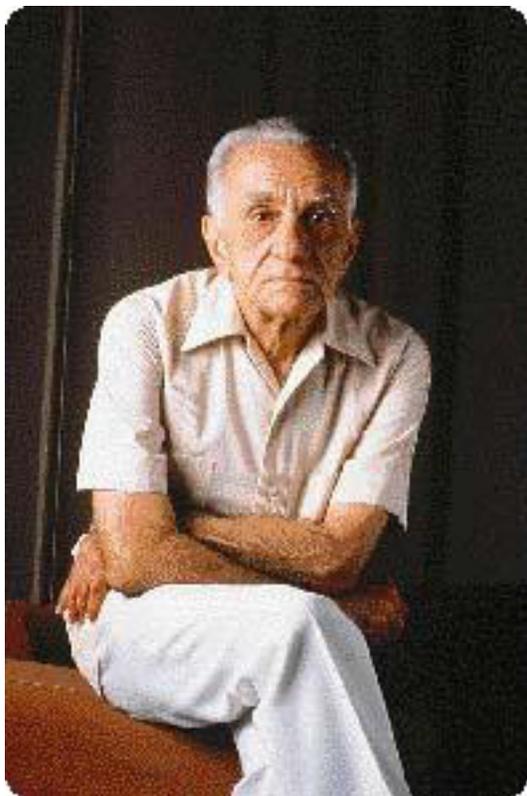
Tema de Capa

João Cabral de Mello Neto - uma biografia

João Cabral de Mello Neto (9 de janeiro de 1920, Recife - 9 de outubro de 1999, Rio de Janeiro) foi um poeta e diplomata brasileiro. Sua obra poética, caracterizada pelo rigor estético, com poemas avessos a confessionalismos e marcados pelo uso de rimas toantes, inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil. Irmão do historiador Evaldo Cabral de Melo e primo do poeta Manuel Bandeira e do sociólogo Gilberto Freyre, João Cabral foi amigo do pintor Juan Miró e do poeta Joan Brossa. Membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Brasileira de Letras, foi agraciado com vários prêmios literários.

Obra

Pedra do Sono (1942)
Os Três Mal-Amados (1943)
O Engenheiro (1945)
Psicologia da Composição com a Fábula de Anfion e Antiode (1947)
O Cão sem Plumas (1950)
O Rio ou Relação da Viagem que Faz o Capibaribe de Sua Nascente à Cidade do Recife (1954)
Dois Parlamentos (1960)
Quaderna (1960)
A Educação pela Pedra (1966)
Morte e Vida Severina (1966)
Museu de Tudo (1975)
A Escola das Facas (1980)
Auto do Frade (1984)
Agrestes (1985)
Crime na Calle Relator (1987)
Primeiros Poemas (1990)
Sevilha Andando (1990)



Um poeta sempre alerta às armadilhas da palavra

Antonio Carlos Secchin define João Cabral de Melo Neto como cauteloso e desconfiado das representações convencionais do real. Por isso, nos ensina a não acreditar fácil demais no que as palavras dizem, nem na própria palavra do poeta

POR GRAZIELA WOLFART

O que faz de João Cabral de Melo Neto um escritor tão atual? “Sua visão completamente reformuladora do conceito de lirismo em língua portuguesa”. A resposta foi dada pelo escritor e professor Antonio Carlos Secchin, membro da Academia Brasileira de Letras, que concedeu a entrevista que segue, com exclusividade, à IHU On-Line por telefone. Secchin considera Cabral, em relação à sua obra poética, “um criador, um desbravador de um território muito pouco explorado”, ao referir-se à característica do “lirismo de subtração”, o que ele chama de “poesia do menos”. Na visão de Antonio Secchin, “os dez anos da morte de João Cabral, paradoxalmente, talvez nem lembrem o período que se passou, porque ele continua vivo”. E sobre a contribuição do poeta para a literatura brasileira, ele destaca que “não há como negar que essa virada da poesia brasileira em oposição à sua tradição lírica e confessional é devida à presença marcante de João Cabral”.

Antonio Carlos Secchin é graduado em Português - Literaturas de língua portuguesa, e mestre e doutor em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e pós-doutor pela Universidade Federal do Pará. É professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da UFRJ e autor de inúmeros livros, entre os quais destacamos *João Cabral: a Poesia do Menos* (São Paulo: Duas Cidades, 1987. 2.a ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999); e *Guia dos Sebos* (4.a ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/SABIN/FBN, 2003). Organizou, entre outros, *Os Melhores Poemas de João Cabral de Melo Neto* (São Paulo: Global, 1985. 9.a ed. 2003); *Primeiros Poemas de João Cabral de Melo Neto* (Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1990); e *Poesia Completa e Prosa, de João Cabral de Melo Neto* (Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Passados dez anos da morte de João Cabral de Melo Neto, onde reside a importância de lembrarmos seu legado à literatura brasileira?

Antonio Carlos Secchin - Os dez anos da morte de João Cabral, paradoxalmente, talvez nem lembrem o período que se passou, porque ele continua vivo. Há vários escritores que necessitam dessas efemérides para que voltem à tona uma vez que costumam cair num limbo depois do falecimento. Eu tenho a impressão de que Cabral é lembrado sempre. Ele continua um poeta muito vivo. A sua obra continua produzindo efeitos na literatura brasileira. E basta dizer que antes desses dez anos já saíram obras completas dele, no ano passado, pela

Nova Aguilar, que eu tive a honra de organizar, e vários volumes da editora Alfaguara, publicando espaçadamente o conjunto da obra de João Cabral. Isso demonstra que é sempre bom fazer lembrança, mas que Cabral está acima dessas efemérides.

IHU On-Line - E por que o senhor acha que ele continua tão atual?

Antonio Carlos Secchin - Pela sua visão completamente reformuladora do conceito de lirismo em língua portuguesa. Ele criou um caminho muito próprio, muito pessoal, e, a partir da sua novidade, isso gerou efeitos em vários outros poetas - e esses efeitos nem sempre são bons, a meu ver, porque Cabral é tão pessoal que aqueles que querem segui-lo correm o risco de

se tornarem “subcabrais”. Mas não há como negar que essa virada da poesia brasileira em oposição à sua tradição lírica e confessional é devida à presença marcante de João Cabral.

IHU On-Line - O que o senhor entende pela “poesia do menos” em João Cabral de Melo Neto?

Antonio Carlos Secchin - Isso foi trabalhado na minha tese, que se transformou no livro *João Cabral. A poesia do menos*. Defini essa poesia do menos por uma espécie de lirismo de subtração: ao invés de inflar o poema de confessionalismo ou de subjetividade, ele deseja que o poema mostre um real externo. É claro que isso não existe. No próprio ângulo de capturar no real essa ou aquela paisagem já

está o olhar e a mão do poeta. Mas ele simula essa ausência do poeta para que as coisas possam ter voz e não sejam apenas mediadas pela voz subjetiva do próprio poeta.

IHU On-Line - E por que se trata de uma poesia solitária?

Antonio Carlos Secchin - É solitária na medida em que não encontramos antecedentes dessa linhagem na poesia em língua portuguesa, nem no Brasil, nem em Portugal. Ele é um criador, um desbravador de um território muito pouco explorado. A maior analogia na literatura brasileira que se pode fazer com Cabral, aliás, feita por ele mesmo, não se encontraria na poesia, e sim na prosa: no texto de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos¹.

IHU On-Line - Como se dá o processo de apropriação do real por João Cabral?

Antonio Carlos Secchin - Esse processo se dá através de uma visão sempre desconfiada das representações convencionais do real. Se dá também através da desconfiança de que as palavras, muitas vezes, quando fingem mostrar alguma coisa, a estão escondendo. Então, a palavra pode ser um embuste, uma maneira de valorizar o lugar comum, de anestesiá-la a percepção. E João Cabral, contrariamente a isso, é sempre alerta às armadilhas da palavra, para que nós não acreditemos fácil demais no que elas dizem e para que não acreditemos nem na própria palavra do poeta. Ele é sempre cauteloso e desconfiado.

IHU On-Line - Como se caracteriza o feminino na obra de João Cabral?

Antonio Carlos Secchin - É um feminino também inovador, porque nós

¹ Graciliano Ramos (1892-1953): escritor alagoano, nascido em Quebrângulo. Autor de numerosas obras, várias delas adaptadas para o cinema, como *Vidas Secas* e *Memórias do cárcere*, em 1963 e 1983, respectivamente, por Nelson Pereira dos Santos. A obra *Vidas Secas* foi o objeto de estudo do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, de 17-06-2004. Quem conduziu o debate foi a Prof^a MS Célia Dóris Becker, das Ciências da Comunicação da Unisinos. Confira uma entrevista que a professora concedeu sobre o tema na 105ª edição da IHU On-Line, de 14-06-2005, disponível para download no sítio do IHU, www.ihu.unisinos.br. (Nota da IHU On-Line)

“João Cabral ficou a vida inteira tentando descobrir quem era João Cabral. Creio que não conseguiu. E ainda bem”

não temos uma poesia sentimental ou amorosa na obra de João Cabral. Prefiro dizer que nós temos uma poesia erótica: o feminino é como um objeto, plástico visualmente, e prazeroso para o poeta que vai descrevendo-o sem qualquer envolvimento subjetivo, apenas pela beleza que esse objeto provoca na sua percepção. E é muito sintomático disso o fato de que essas personagens femininas, primeiro, não são nomeadas, e, segundo, não aparecem em relação afetiva ou mesmo amorosa com o poeta, apenas distanciadas, como se ele estivesse diante de um quadro e o descrevesse prazerosamente.

IHU On-Line - Quem foi João Cabral de Melo Neto? O que marcou a vida e morte cabralina?

Antonio Carlos Secchin - Ninguém sabe quem se é. E a literatura é uma maneira de desesperadamente ou pacificamente tentar encontrar uma resposta para a pessoa tentar saber quem é. E ninguém é nada em definitivo; tudo é um processo. João Cabral ficou a vida inteira tentando descobrir quem era João Cabral. Creio que não conseguiu. E ainda bem.

IHU On-Line - Por que Cabral nunca deixou de ser João?

Antonio Carlos Secchin - Porque ele tem uma poesia cerebral, metalinguística e abstrata, mas também tem uma poesia popular e de comunicação imediata. A partir disso, dessa concepção que ele próprio reconhece ao falar das duas águas da sua poesia, é que me ocorreu essa possibilidade de comentarmos que existe uma poesia de Cabral e existe uma poesia do João.

IHU On-Line - Qual a importância da questão geográfica na obra de João Cabral? Onde entra aqui a questão do regionalismo?

Antonio Carlos Secchin - A importância é absoluta, porque ele é de tal modo apegado ao sertão, a Pernambuco e ao Recife, que não se considera um poeta brasileiro, mas um poeta nordestino ou pernambucano. Disse também - e aí a gente não concorda, mas cita a ideia do poeta - que não possuía imaginação, apenas memória. Como se pudesse haver a memória sem imaginação. Mas isso é apenas para sublinhar a importância que ele concedia ao elemento concreto, histórico, geográfico, bem localizado. Ele só podia escrever a partir de experiências que viveu. Como viveu a infância em Pernambuco e tem na marca de seu próprio corpo e de sua sensibilidade essa imagem inapagável, ele passa grande parte de sua obra revisitando esses lugares da origem.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre João Cabral, Drummond e Manuel Bandeira?

Antonio Carlos Secchin - Entre João Cabral e Bandeira² o fato de serem primos. E primos muito diferentes. Creio que João Cabral, apesar de nunca haver formalizado uma crítica direta a Manuel Bandeira, percebia, neste grande poeta também pernambucano, um tipo de produção completamente contrária à que ele, Cabral, valorizava. Bandeira era a representação do lirismo em nossa poesia. E não foi à toa que, quando João Cabral publicou, em 1966, *A educação pela pedra*, ele resolveu homenagear o primo, dedicando a ele este livro, mas com uma dedicatória um pouco “envenenada”, que dizia: “A Manuel Bandeira, esta antilira pelos seus 80 anos”. E quanto

² Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (1886-1968): poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema *Os Sapos* o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire, Gilberto Freyre e José Conde, representa o que há de melhor na produção literária do estado de Pernambuco. (Nota da IHU On-Line)

a Drummond, foi a maior influência no início de sua carreira. João Cabral dedicou dois livros a Carlos Drummond.³ Disse que aprendeu com ele a fugir da melodia do verso tradicional. Mas depois essa influência foi muito moderada e creio que até pessoalmente os dois se separaram, em termos de amizade.

IHU On-Line - Como era a Espanha de João Cabral de Melo Neto?

Antonio Carlos Secchin - João Cabral construiu uma visão muito intensa da Espanha. Não há dúvidas de que a Espanha, principalmente, a região da Andaluzia, e o Nordeste, sobretudo Pernambuco, são as marcas geográficas mais fortes da obra de João Cabral. Ele tem mais de cem poemas dedicados à Espanha. E não tem um verso sequer dedicado ao Rio de Janeiro, onde também morou. Numa entrevista concedida a mim, ele comentou que reencontrou um pouco da paisagem nordestina nos arredores de Barcelona, portanto, a partir de uma identidade. Mas depois eu estudei o assunto e observei que há a marca do feminino na Espanha, enquanto que Pernambuco é o masculino, é o áspero, o agressivo. E o feminino não só na cidade acolhedora e maternal de Sevilha, mas também nas bailadoras do cante flamenco. Não é a toa que essa vertente erótica de João Cabral tenha se desencadeado depois de sua experiência na Espanha.

IHU On-Line - Para o senhor, o que representou o reconhecimento de seu trabalho pelo próprio João Cabral?

Antonio Carlos Secchin - É uma enorme alegria, porque eu sei que João Ca-

³ Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. (Nota da IHU On-Line)

“Agora o livro já não tem mais tanta função assim. Já cumpriu o seu papel numa fase pré-Internet”

bral, até por ser diplomata, era muito seletivo na distribuição de elogios aos seus estudiosos, porque eram tão numerosos e ele supunha que se falasse mais de um ou de outro, um terceiro ou quarto poderia ficar melindrado. Então, ele tinha muita cautela nesse ato de tornar público o seu endosso de determinada leitura. Quanto a mim, só posso ficar muito lisonjeado e agrado por essa acolhida de João Cabral que se traduziu em vários níveis. Não apenas na frase que ele disse, que reconhecia meu trabalho como aquele que tinha levado mais longe a análise do seu projeto, mas também em outros elementos, como ele ter me escolhido para ser o organizador de uma série chamada “os melhores poemas” que a Editora Global publica há muitos anos com sucesso, e aí eu tinha pouco mais de 30 anos e havia opções muito qualificadas para a indicação dele, e ele fez questão de que fosse eu o organizador. Depois ele me confiou os originais de seus poemas de juventude, que eu publiquei pela Faculdade de Letras da UFRJ, intitulado *Primeiros poemas*. E mais tarde, quando eu disputei a titularidade da Faculdade de Letras com uma conferência sobre a obra de João Cabral, ele também me honrou com sua presença. Ele que não gostava de conferências, pois preferia sempre ler que ouvir, lá esteve para prestigiar este evento. Fora o fato de haver me acolhido sempre que o solicitei. Quando ele publicava um livro, eu sempre o lia com atenção e depois

pedia um encontro com ele para discutirmos aspectos da obra.

IHU On-Line - Mudando de assunto, pode falar um pouco sobre sua coleção pessoal de livros?

Antonio Carlos Secchin - De fato, tenho uma biblioteca bastante boa, devo ter cerca de doze mil volumes. Tudo começou pelo meu interesse em ler, conhecer muito. Queria me aprofundar em autores que não eram canônicos, que não eram consagrados pela historiografia. Isso inevitavelmente me levou à caixa de edições que eram raras: com os poetas do século XIX, que nunca eram reeditados. E nesse contato com esses poetas e autores fora do cânone, se desenvolveu em mim um apego ao objeto livro. Claro que o mais importante é o texto, o que está escrito, mas o objeto não deixa também de revelar aspectos da cultura, por exemplo, saber que tipo de papel se usava ou qual era a ortografia. Muitas edições modernas suprimem informações que você só encontra nas primeiras edições, como prefácio e comentários. Notei que, para simplificar e gastar menos papel, as edições modernas não são fiéis às edições antigas.

IHU On-Line - E essa sua ligação com os livros leva o senhor ao mundo dos sebos...

Antonio Carlos Secchin - Também. Escrevi um guia comentado dos sebos de quase todas as capitais do Brasil, porque conheço e compro muito em sebos, e achei que era um serviço quase que de utilidade pública transmitir isso. Mas acredito que, devido à intensidade da proliferação desse mercado na Internet, através de sites como a Estante Virtual, agora o livro já não teria mais tanta função assim. Já cumpriu o seu papel numa fase pré-internet.

CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE NO ENDEREÇO

WWW.IHU.UNISINOS.BR

O poeta da escassez, da antimusicalidade e da racionalidade

Na visão de Nylcéa Pedra, João Cabral de Melo Neto encontra na literatura medievall espanhola a forma para expressar a secura do seu sertão

POR GRAZIELA WOLFART

Ao esboçar as principais características da obra de João Cabral de Melo Neto, a professora Nylcéa Pedra aponta o racionalismo e o concretismo como elementos constantes em seus versos. “O controle da palavra, da emoção, o uso da palavra como ‘coisa’ e não sentimento são as características que mais se evidenciam. Não podemos deixar de falar da sua antimusicalidade, refletida no laborioso trabalho de construção dos versos, rompendo com as rimas comumente utilizadas na língua portuguesa e fazendo uma escolha pela rima toante. E destaco ainda outra característica, derivada do seu exercício de crítico na poesia, que é discutir e apresentar o seu próprio fazer poético em seus poemas”. Na entrevista que segue, concedida especialmente à **IHU On-Line** por e-mail, Nylcéa afirma acreditar que “o grande legado deixado por João Cabral tenha sido sim escrever à sua maneira, conceber a sua forma poética, única, cabralina. Pode haver maior legado que esse?”. E considera importante lembrar que o poeta “sempre professou seu antimusicalismo, sua aversão às rimas fáceis e melódicas. Encontrar uma estrutura rítmica, cortante, seca, foi como encontrar o sertão na poesia”.

Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra é licenciada em Língua Espanhola e mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná e mestre em Língua e Literatura Hispânicas pelo Consejo Superior de Investigaciones Científicas, de Madrid/Espanha. Atualmente, é aluna do programa de Doutorado em Letras da Universidade Federal do Paraná. É professora de língua, literaturas em língua espanhola e suas metodologias em faculdades particulares em Curitiba. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os pontos centrais do tema escolhido pela senhora para a sua tese de doutorado em andamento “Um João caminha pela Espanha: a reconstrução do espaço na obra poética de João Cabral de Melo Neto”?

Nylcéa Pedra - Para responder a esta pergunta acho interessante explicar primeiro como conheci a relação de João Cabral de Melo Neto com a Espanha. Em uma aula de Teoria da Literatura, ainda na graduação, o professor Adalberto Müller levou certa manhã o poema “Lembrando a Manolete” e nos chamava a atenção para a construção formal do poema. Os encavalgamentos entre os versos recriavam o movimento do capote do toureiro em cada uma das passagens do touro. Aquilo me impressionou muito não apenas pelo trabalho de construção dos versos, mas pela habilidade do poeta em transitar por uma cultura que não era a sua

(vale lembrar que nesta época tinha lido apenas “Morte e vida severina”). E fiquei com isso na cabeça. Anos depois, lendo a obra completa de João Cabral constatei que, além de touros, o poeta dedicava versos ao canto e baile flamencos, aos toureiros, pintores, escritores e ao espaço espanhol. A ideia central da tese surgiu desta constatação, e defendo uma progressiva e consciente aproximação do poeta à cultura e ao espaço espanhóis. É interessante observar este movimento nos versos. O primeiro olhar de João Cabral para a Espanha é o do intelectual que encontra seus pares nas artes ditas nobres como a pintura e a escritura. Dessa época são os poemas “Homenagem a Picasso”, “Encontro com um poeta”, “Medinaceli” e o importantíssimo estudo crítico de Cabral sobre a obra do pintor Joan Miró. Destaco um segundo encontro, o do poeta com as artes populares, a corrida de

touros e o flamenco. Mais do que utilizá-las unicamente como argumento para os poemas, encontra nelas um símile do seu fazer poético. Assim, “A palo seco”, “Estudios para una bailadora andaluza” e “Alguns toureiros” exemplificam a profunda identificação do poeta com as artes genuinamente espanholas. Neste “caminhar artístico” João Cabral chega a seus dois últimos livros (Sevilha Andando e Andando Sevilha) à Espanha que lhe calou mais profundamente: a Sevilha trianeira (cigana), das ruas estreitas que sabem acolher o homem, a uma Sevilha de bolso que a partir de então será sempre levada pelo poeta.

IHU On-Line - Como se dá a reconstrução do espaço na obra de João Cabral?

Nylcéa Pedra - Gosto de comparar esta reconstrução ao movimento da lente de uma câmera fotográfica. Como disse

antes, João Cabral vai se aproximando gradativa e conscientemente tanto da cultura como do espaço espanhol. Nos primeiros versos sobre a geografia espanhola, “Campos de Tarragona”, para colocar um exemplo, o poeta está com a lente totalmente aberta e observa de longe, sem tocar e sem deixar-se tocar por aquela terra. Lentamente começa a dar o zoom e encontramos um poema como “Chuvas”, no qual, ainda a contragosto, se empapa com a chuva galega. O grande zoom é feito então em Sevilha. Tudo é percebido naquela cidade: ruas, praças, ruídos, cheiros e movimentos. E tudo toca o poeta que cria um símile bastante interessante: a cidade é a mulher e a mulher é a cidade, como sugerem os títulos Sevilha andando e andando Sevilha.

IHU On-Line - Qual a importância da questão geográfica e do espaço na obra de João Cabral? Quais as principais marcas dos retratos geográficos cabralinos feitos desde o sertão até Sevilha?

Nylcéa Pedra - Dia desses, Carlos Machado, escritor curitibano, perguntou-me se eu achava que João Cabral era um poeta regionalista. Respondi que mais do que regionalista, João Cabral era, para mim, “especialista”, já que não acredito que qualquer escritor possa colecionar regionalismos. Explico: indiscutivelmente há marcas regionais na poesia cabralina. Além dos poemas de vertente social - me refiro a “O rio”, “O cão sem plumas” e “Morte e vida Severina” - nos quais o referente espacial - e regional - aparece explicitamente na imagem do Capibaribe, no desejo do retirante de chegar ao Recife ou na *secura* do Sertão, há outra série de poemas que contextualiza a presença de Pernambucano como o espaço referencial do poeta. Ideia que se reforça quando lemos as primeiras entrevistas dadas por João Cabral ao chegar como diplomata na Espanha. O poeta diz-se feliz por ter encontrado terra tão árida como o seu Recife (referindo-se à meseta castelhana), e os primeiros poemas espaciais espanhóis de fato confirmam este reconhecimento. No entanto, aparece Sevilha, oposto absoluto do Recife:

“Indiscutivelmente há marcas regionais na poesia cabralina”

verde, exuberante, feminina, com vida e recebe do poeta nada menos que um reconhecimento em dois livros que já citei “Sevilha Andando e Andando Sevilha” e também a edição apresentada em Sevilha, em 1992, para a comemoração dos 500 anos da chegada de Colombo à América, “Poemas Sevilhanos”. E então acho que posso responder à pergunta sobre qual a importância da questão geográfica e do espaço na obra de João Cabral com os próprios versos do poeta. Refiro-me ao poema “Autocrítica” que diz “Só duas coisas conseguiram/ (des)feri-lo até a poesia:/ o Pernambuco de onde veio/ e o aonde foi, a Andaluzia./ Um, o vacinou do falar rico/ e deu-lhe a outra, fêmea e viva,/ desafio demente: em verso/ dar a ver Sertão e Sevilha”.

IHU On-Line - O que caracteriza a passagem de João Cabral de Melo Neto do medieval espanhol à *secura* do sertão?

Nylcéa Pedra - Não diria passagem, mas encontro. João Cabral encontra na literatura medieval espanhola a forma para expressar a *secura* do seu sertão. Há o registro de uma entrevista com o poeta na qual disse que não vale a pena escrever para o povo sem a forma que ele usa. Mais tarde afirmou ter encontrado esta forma na literatura medieval espanhola. E o que chama a atenção de Cabral nos poemas medievais espanhóis? A construção dos versos. O legado deixado por Berceo no uso da *cuaderna vía* (versos de quatorze sílabas, com rimas assonantes, distribuídos em dois hemistíquios de sete sílabas) será a forma métrica trabalhada por João Cabral em “O Rio” e também nos seus dois outros poemas de vertente social, feitos para serem lidos em voz alta. Esses versos longos, com rimas assonantes, dão ao poema um aspecto narrativo, de prosa. E então compreendemos a epígrafe de Berceo na abertura de “O rio”: “Quiero

que compngamos io e tú una prosa”. Mas também podemos falar de outra *secura*, a das rimas, essas assonantes tão pouco usadas na poesia de língua portuguesa e que serão adotadas por João Cabral desde o seu encontro com a literatura medieval espanhola. Vale lembrar que o poeta sempre professou seu antimusicalismo, sua aversão às rimas fáceis e melódicas. Encontrar uma estrutura rítmica, cortante, seca, foi como encontrar o sertão na poesia.

IHU On-Line - Em que sentido podemos perceber as “gotas galegas” no fazer poético de João Cabral de Melo Neto? Qual a influência na sua obra do período vivido na Espanha?

Nylcéa Pedra - Quando fui convidada para dar uma conferência sobre a relação de João Cabral de Melo Neto e a Galícia, de saída, acreditei que seria impossível estabelecer grandes relações entre ambos, por isso, titulei a fala “gotas galegas”, pequenas coisas galegas. De fato, o único poema onde se lê explicitamente a presença da Galícia é em “Chuvas”, poema no qual aparece também uma referência a poeta galega Rosalía de Castro. Descobri que, com Rosalía, João Cabral divide semelhante preocupação social, espacializada nos versos. Rosalía escrevia em sua época sobre os homens galegos que precisavam emigrar pela falta de condição de vida na Galícia, eram seus Severinos. Para isso, descrevia a sua terra. Vejo isso também em “Morte e vida Severina”. A saga de Severino é resultado da *secura* de sua terra. Mas o que mais me chamou a atenção neste contato de João Cabral com a literatura galega foi o uso do modelo de romance de tenção. Em entrevista concedida a Antonio Carlos Secchin,¹ o poeta afirma que “Morte e vida Severina” é uma homenagem a todas as literaturas ibéricas, e que a conversa de Severino com Seu José, antes de o menino nascer, obedecia ao modelo de tenção galega. Há uma coerência muito grande nesta escolha. Na mesma entrevista, João Cabral afirma que a literatura galego-portuguesa não lhe despertava nenhuma atenção porque era extremamente

¹ Confira nesta edição uma entrevista exclusiva com Antonio Secchin. (Nota da IHU On-Line)

musical. Dentre os modelos de romance da literatura galega medieval (me refiro especialmente às cantigas de amigo, de escárnio e maldizer e aos romances de tenção) João Cabral escolhe a menos musical e mais narrativa. Para os que não sabem, o romance de tenção se caracteriza pelo jogo de duas vozes, uma contrariando o que a outra afirmara anteriormente. É o mesmo exercício dos repentistas nordestinos. Creio que o poema que melhor ilustra o uso desta estrutura de tenção é o “O Motorneiro do Caxangá”, nos movimentos de ida e vinda do motorneiro, como na construção de duas vozes, é possível conhecer as diferentes faces do sertão.

IHU On-Line - Como Cabral se relacionava com a cultura galega?

Nylcéa Pedra - Não poderia dizer que não se relaciona porque estaria negando as colocações que fiz há pouco. No entanto, posso dizer que esta relação é bastante pontual - no diálogo com Rosalía de Castro, no uso da tenção galega - e incomparável com a mantida com Sevilha. Pessoalmente, acredito que o poema “Chuvás” responde o motivo desta ausência. Galícia é abundante, nas chuvas, na musicalidade da língua, na expressão dos sentimentos, nela, como diz um verso do poema “se perde o tento” coisa inconcebível para o poeta da escassez, da antimusicalidade e da racionalidade.

IHU On-Line - Que paralelos podem ser traçados entre João Cabral de Melo Neto e Vinícius de Moraes? Por que a senhora considera que ambos são “modernos à sua maneira”?

Nylcéa Pedra - Este estudo é bastante provocativo. Quis unir dois poetas sempre analisados como antagônicos e encontrar elementos que possibilitassem uma aproximação entre eles. Fiz isso através do legado deixado pelo primeiro poeta modernista, Charles Baudelaire.² Mais do que discutir a forma de construção dos versos - que coincidiria com a afirmação cabralina de

que Vinícius é um poeta da inspiração e ele, Cabral, da transpiração - prefiro trabalhar com dois temas. E a escolha da mulher e da cidade foi bastante consciente. Três poetas, três mulheres, três espaços, mas com um elemento em comum: a intensidade. As mulheres se inscrevem nos espaços que habitam - seja Paris, Rio de Janeiro ou Sevilha - e, por vezes, se metamorfoseiam nestes espaços, e então são elas Paris, Rio e Sevilha. Verifica-se que a intensidade vivida no caminhar pelas cidades é inversamente proporcional a do contato com a mulher, e, para os três poetas, nesta relação entre o feminino e a cidade caberiam os versos cabralinos: “Se viver-te será curto, /.../ que viver-te seja intenso”.

“A saga de Severino é resultado da secura de sua terra”

IHU On-Line - Quais as características gerais da obra de João Cabral de Melo Neto e qual o maior legado que ele deixa para a literatura brasileira e mundial?

Nylcéa Pedra - Essa pergunta é realmente complicada porque me estenderia muito para poder respondê-la de maneira minimamente satisfatória, mas vamos tentar. Primeiro as características gerais que assinalam todos os grandes e bons estudos sobre o poeta e pelas quais conhecemos o fazer poético de João Cabral de Melo Neto. O racionalismo e o concretismo - e aqui estou falando na escrita de versos com coisas concretas - são constantes em seus versos. O controle da palavra, da emoção, o uso da palavra como “coisa” e não sentimento são as características que mais se evidenciam. Não podemos deixar de falar da sua antimusicalidade, refletida no laborioso trabalho de construção dos versos, rompendo com as rimas comumente utilizadas na língua portuguesa e fazendo uma escolha pela rima toante. E destaco ainda outra característica, derivada do seu exercí-

cio de crítico na poesia, que é discutir e apresentar o seu próprio fazer poético em seus poemas. Há uma cartilha cabralina em seus poemas, e um leitor atento a encontra e a compartilha com o poeta. Estas são as características mais gerais. Agora, com a minha tese pretendo demonstrar que o espaço - já não apenas entendido como a folha de papel onde o poeta escreve os seus versos - assume uma importância significativa na poesia de João Cabral. Defendo a ideia de uma poesia espacial-geográfica cabralina, seja a do Recife, seja a de Sevilha. E ainda há outra característica que me parece importantíssima, a que me referi várias vezes ao longo desta entrevista, que é a capacidade do poeta de contar “casos” em versos, esse caráter narrativo à primeira vista tão oposto ao construtivismo dos poemas. Respondendo a sua segunda pergunta. Sinceramente não acredito em legados no sentido de “heranças” deixadas pelos poetas que serão utilizadas por seus seguidores. Acredito que o grande legado deixado por João Cabral tenha sido sim escrever à sua maneira, conceber a sua forma poética, única, cabralina. Pode haver maior legado que esse?

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar mais algum comentário sobre o tema?

Nylcéa Pedra - Falar de João Cabral é para mim sempre motivo de alegria e apreensão, afinal, é uma responsabilidade tamanha falar de quem, para mim, é um dos grandes - se não o grande - nome da poesia brasileira. E encerro com uns versos do poeta, lembrando essa nossa “sina” de não ser sós, da necessidade do outro para perenizar o que somos e, no caso de João Cabral, o que escreveu: “Tecendo a manhã: Um galo sozinho não tece uma manhã: / ele precisará sempre de outros galos. / De um que apanhe este grito que ele / e o lance a outro; de um outro galo / que apanhe o grito que um galo antes / e o lance a outro; e de outros galos / que com muitos outros galos se cruzem / os fios de sol de seus gritos de galo, / para que a manhã, desde uma teia tênue, / se vá tecendo entre todos os galos.”

² Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867) foi um poeta e teórico da arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. (Nota da IHU On-Line)

A poesia de Cabral: puro olhar em movimento

Conhecedor de João Cabral como poucos, José Castello lembra que o escritor tinha claro que viver é lutar, viver é movimentar. O poeta, de certa forma, é um toureiro, que gira e gira (escreve e escreve) para dominar a vida

POR GRAZIELA WOLFART

“**J**oão Cabral foi um homem dividido. Mais de uma vez admitiu que vivia em estado de forte turbulência e desordem interiores, e que, para conter essa turbulência, precisou criar a poesia seca, substantiva, áspera que todos conhecemos. Quando falo do homem sem alma, falo do ideal que Cabral criou para si mesmo. Ele desprezava o lirismo, a música e tudo o que lembrasse os sentimentos. Seu ideal (sua couraça, sua proteção) foi a imagem do homem sem alma que construiu como poeta. Mas, sob essa capa, uma grande agitação fervia, e sua poesia, na verdade, é o resultado desse conflito”. É assim que José Castello busca definir o escritor João Cabral de Melo Neto. Na entrevista que segue, concedida por e-mail para a IHU On-Line, Castello destaca que João Cabral “é um poeta que nega os princípios dominantes da poesia e a imagem dominante do poeta. Por isso também foi um gênio”.

José Castello, nascido em 1951, no Rio de Janeiro, é um dos mais prolíficos críticos literários do Brasil hoje. Colabora regularmente com *O Globo*, *Valor Econômico* e *Rascunho*, entre outras publicações. Depois de 20 anos trabalhando com jornalismo literário, Castello escreveu o livro *Inventário das sombras* (Rio de Janeiro: Record, 1997), no qual conta os detalhes dos encontros que teve com escritores como Clarice Lispector, Ana Cristina Cesar, Nelson Rodrigues, Manoel de Barros e José Saramago, com o jornalista João Rath e com o artista plástico Arthur Bispo do Rosário. É também autor de perfis e biografias, como *Vinicius de Moraes: o poeta da paixão* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993); *Pelé - Os dez corações do rei* (Rio de Janeiro: Ediouro, 2004); e *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma & Diário de tudo* (2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006). Também é autor do romance *Fantasma* (Rio de Janeiro: Record, 2001), originalmente concebido como um volume sobre Curitiba, cidade onde Castello está atualmente radicado. Confira a entrevista.

IHU On-Line - João Cabral é um homem sem alma ou um homem de alma sufocada?

José Castello - João Cabral foi um homem dividido. Mais de uma vez admitiu que vivia em estado de forte turbulência e desordem interiores, e que, para conter essa turbulência, precisou criar a poesia seca, substantiva, áspera que todos conhecemos. Quando falo do homem sem alma, falo do ideal que Cabral criou para si mesmo. Ele desprezava o lirismo, a música e tudo o que lembrasse os sentimentos. Seu ideal (sua couraça, sua proteção) foi a imagem do homem sem alma que construiu como poeta. Mas, sob essa capa, uma grande agitação fervia, e sua poesia, na verdade, é o resultado desse conflito.

IHU On-Line - Quem foi João Cabral de Melo Neto? Quais as principais características de sua personalidade? O que mais marcou sua vida e morte severina?

José Castello - Foi um homem discreto, tímido, seco. Na companhia dos amigos mais chegados, porém, se abria, falava muito, derramava-se. Foi um homem contraditório, como todos somos. A diferença é que soube arrancar dessa ambiguidade uma poesia genial.

IHU On-Line - O que a trajetória pessoal de João Cabral denuncia que justificaria sua dificuldade em lidar com os próprios sentimentos? Como isso aparece na sua obra?

José Castello - Suas poesias são secas, substantivas. Desprezam a retórica, o

derramamento, trabalham com versos curtos, chegam ao osso das coisas. Ora, um homem que precisa se conter tanto, se vigiar tanto, se reduzir tanto, é porque carrega dentro de si um grande derramamento. Se temos um mundo interior tranquilo, não precisamos de tantas defesas, de tantas armaduras. As defesas e armaduras são a prova da agitação que carregava dentro de si.

IHU On-Line - O que o senhor guarda de mais significativo dos encontros que teve com João Cabral?

José Castello - Justamente a maneira como Cabral se vigiava, se continha. A toda hora, me pedia para desligar o gravador, porque não queria gravar confidências ou intimidades. Censurava-se com grande rigor. Era, porém, uma

censura rica, ela o levava à “alma” das coisas. Cabral dizia que o poeta é como um escultor, que corta, corta e corta a sua pedra, até que a escultura surja de dentro dela.

IHU On-Line - Como a melancolia do poeta se refletia em suas obras?

José Castello - A melancolia de Cabral era difusa e discreta. Ele a escondia e disfarçava. Se expressa na dor de cabeça crônica que o acometeu durante toda a vida e que, na juventude, um tio, que era psiquiatra, chegou a tratar, sem sucesso, com internamento e choques de insulina. Ela só aparece na obra de modo discreto. Aparece pelo avesso - na segura e avareza que tinha com as palavras. O João Cabral que conheci era um homem muito melancólico. Ele reclamava porque a melancolia, dizia, era um mal do século XIX, e, no século XX, os médicos insistiam em tratá-lo como um deprimido. “Não sofro de depressão, sou melancólico”, insistia em me dizer, “mas os médicos não entendem isso”. A melancolia, ao contrário da depressão, não é uma doença, é uma marca do temperamento e do mundo íntimo.

IHU On-Line - Como João Cabral via a morte?

José Castello - Cabral tinha medo da morte. Declarava-se ateu, mas, apesar disso, afirmava que acreditava no inferno. Tinha medo da morte porque tinha medo do inferno. E não se importava com essa contradição - que, aliás, é profundamente humana.

IHU On-Line - Como entender a ênfase de João Cabral no aspecto geográfico em suas obras?

José Castello - É resultado de sua vida de diplomata. Viveu em muitos países e continentes diferentes. Foi um andarilho compulsivo, conhecia intimamente os países e cidades em que viveu. Tudo isso o converteu em uma espécie de poeta andarilho, um poeta andante. Andava para escrever, escrevia para andar. Sua poesia é puro olhar em movimento.

IHU On-Line - Na sua visão, a obra de João Cabral se sobrepõe à vida dele?

José Castello - Vida e obra estão sempre interligadas. Mas essa ligação não é me-

cânica, não é porque vivi tal coisa que devo obrigatoriamente escrever tal poema ou tal poesia. É essa também uma relação contraditória, de choque, de luta. João tinha claro que viver é lutar, viver é movimentar. O poeta, de certa forma, é um toureiro, que gira e gira (escreve e escreve) para dominar a vida.

IHU On-Line - Podemos estabelecer algum paralelo entre Clarice Lispector e João Cabral?

José Castello - Cabral era pernambucano, Clarice¹ viveu alguns anos de sua infância em Pernambuco. É o único paralelo que vejo. Aliás, vejo outro: no meu entender, são os dois maiores escritores da literatura brasileira no século XX. São dois gênios. Dois escritores absolutamente singulares, cuja escrita não se confunde com a de ninguém.

IHU On-Line - Pode explicar sua frase “É negando a poesia que Cabral se faz poeta”?

José Castello - Quando falo em “negar a poesia”, falo em negar a poesia dominante, a imagem oficial e banal do poeta. O poeta é visto em geral como um lírico - Cabral odiava o lirismo. Como um homem que vive no mundo da lua - Cabral era um realista. Como um homem que trabalha com as subjetividades - o objeto da poesia de Cabral é o mundo objetivo. Ele é um poeta que nega os princípios dominantes da poesia e a imagem dominante do poeta. Por isso também foi um gênio.

LEIA MAIS...

José Castello já concedeu outra entrevista à revista IHU On-Line.

* “Ninguém lê Clarice sem ser devastado pelo que lê”. Entrevista publicada na IHU On-Line número 228, de 16-07-2007, disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=558

¹ Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. Seu romance mais famoso embora menos característico, quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-07-2007, intitulada *Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho*, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?id_edicao=255 (Nota da IHU On-Line)

**A AGENDA DE EVENTOS DO IHU ESTÁ DISPONÍVEL NO
ENDEREÇO WWW.IHU.UNISINOS.BR**

Leitores tratados “a palo seco”

Homero Araújo defende que a obra de João Cabral de Melo Neto, além de ser argumentativa, racional, elegante e formalizada, produz impacto e desestabiliza o leitor. Neste sentido, é uma poesia que está sempre disposta à provocação

POR GRAZIELA WOLFART

Os traços mais evidentes da obra de João Cabral de Melo Neto na visão do professor Homero Araújo são: “concisão na frase, argumentação (muitas vezes irônica e maliciosa), vocabulário tendendo ao concreto e à precisão”. Já a poesia “tem métrica e ritmo destacados, embora seja uma métrica diversa da que geralmente se usa em língua portuguesa”. Araújo explica, na entrevista que concedeu, por e-mail, à *IHU On-Line*, que, na obra de João Cabral “adota-se uma espécie de linguagem elevada e limpa de coloquialidade, talvez para melhor transmitir o raciocínio e alguma abstração; os quais se dedicam, no entanto, a objetos definidos”. E entende ainda que “João Cabral tratou de estabelecer uma dicção muito própria e reconhecível, e sua perspectiva sempre foi de poeta crítico, que pensa e enuncia problemas”.

Homero José Vizeu Araújo possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrado em Letras pela Universidade Federal Fluminense, doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pós-doutorado pela Sorbonne Nouvelle-Paris III. Atualmente, é professor no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira. Tem várias obras publicadas, entre as quais citamos *O Poema no Sistema - a peculiaridade do antilírico João Cabral na Literatura Brasileira* (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como entender a atualidade de João Cabral de Melo Neto? O que faz dele um clássico da literatura brasileira?

Homero Araújo - João Cabral, ao que se percebe, continua sendo lido, o que é já um dado da sua atualidade. Por outro lado, sua obra é usada na escola, não muito, mas está lá. Esta é uma definição de clássico, aquele autor que se lê em aula, na sala de aula, na classe. Seja como for, o andamento argumentativo da poesia cabralina e seu enunciado, mais ou menos linear, o afasta de metáforas sugestivas e misteriosas, como Murilo Mendes¹ e Jorge

de Lima,² ou mesmo do Drummond dos anos 1950, de *Claro Enigma*. Sem falar que a disposição cerebral do poeta barra o sentimentalismo ou a emoção, tão evidentes em Cecília Meirelles ou mesmo em vários momentos de Fernando

Pessoa.³ Enfim, João Cabral tratou de estabelecer uma dicção muito própria e reconhecível, e sua perspectiva sempre foi de poeta crítico, que pensa e enuncia problemas. Há poemas que parecem ensaios. Por exemplo, este sobre Auden,⁴ outro poeta.

**W.H. AUDEN
(1905-1973)**

*Se morre da morte que ela quer.
É ela que escolhe seu estilo,
sem cogitar se a coisa que mata
rima com sua morte ou faz sentido.
Mas ela certo te respeitava,
de muito ler reler teus livros,
pois matou-te com a guilhotina,
fuzil limpo, do ataque cardíaco.*

IHU On-Line - O que caracteriza a

3 Fernando Pessoa (1888-1935): escritor português, considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

4 Wystan Hugh Auden (1907-1973) foi um poeta e crítico inglês. (Nota da IHU On-Line)

¹ **Murilo Mendes** (1901-1975): um dos mais importantes poetas brasileiros, nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais. Publicou seu primeiro livro, *Poemas*, em 1930, ano em que também estreia o poeta Carlos Drummond de Andrade. Recebeu, em 1972, o prêmio internacional de poesia Etna-Taormina. Nesse ano veio ao Brasil pela última vez. Ao lado de seus livros, Murilo Mendes também publicou muito na imprensa, em especial artigos sobre artes plásticas, tendo ainda escrito muitos textos para catálogos

de exposições de arte. (Nota da IHU On-Line)
² **Jorge de Lima** (1893-1953): Médico e poeta, de Lima nasceu em Alagoas. Estudou Medicina em Salvador, transferindo-se para o Rio de Janeiro, onde defendeu tese sobre os serviços de higiene na capital federal. Ainda estudante de Medicina, publicou seu primeiro livro, *XIV Alexandrinos* (1914). Após ter se formado, retornou a Maceió. Sem jamais ter abandonado a Medicina, lecionou na Escola Normal Estadual da cidade, chegando a ser diretor. Ocupou outros cargos públicos estaduais, como Diretor-Geral da Instrução Pública e Saúde e Deputado, além de manter constante seu interesse pelas artes plásticas. Em 1930, transfere-se, definitivamente, para o Rio de Janeiro, onde clínica e leciona Literatura Brasileira, nas Universidades do Brasil e do Distrito Federal. Em 1925 foi eleito vereador, ocupando, três anos mais tarde, a presidência da Câmara, no Rio de Janeiro. Em 1945, entrou em contato com o Modernismo nacionalista e, em 1935, converteu-se ao Catolicismo. (Nota da IHU On-Line)

linguagem de João Cabral em suas obras?

Homero Araújo - Acho que críticos como João Alexandre Barbosa⁵ e Benedito Nunes⁶ já estabeleceram os traços mais evidentes: concisão na frase, argumentação (muitas vezes irônica e maliciosa), vocabulário tendendo ao concreto e à precisão. A poesia tem métrica e ritmo destacados, embora seja uma métrica diversa da que geralmente se usa em língua portuguesa.

IHU On-Line - O que faz de João Cabral de Melo Neto um poeta antilírico? Quais suas peculiaridades nesse sentido, principalmente em relação ao poema?

Homero Araújo - É o próprio João Cabral que se define como antilírico na dedicatória de *A educação pela pedra*:

5 João Alexandre Barbosa (1937-2006): crítico brasileiro e ex-professor da USP, é autor de obras como *A metáfora crítica* (São Paulo: Perspectiva, 1974); *A imitação da forma* (São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975); *As ilusões da modernidade* (São Paulo: Perspectiva, 1986); *Alguma crítica* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2002); e *Mistérios do dicionário* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2004). (Nota da IHU On-Line)

6 Benedito José Viana da Costa Nunes (1929) é um filósofo e escritor brasileiro. Foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará, que depois foi incorporada à Universidade Federal do Pará - UFPA. Ensinou literatura e filosofia em outras universidades do Brasil, da França e dos Estados Unidos. Aposentou-se como professor titular de Filosofia pela UFPA, tendo recebido o título de Professor Emérito em 1998. É autor de *O drama da Linguagem, uma leitura de Clarice Lispector*; *O tempo na narrativa*; *Introdução à Filosofia da Arte*; *O dorso do tigre* (ensaios literários e filosóficos); *João Cabral de Melo Neto* (Coleção Poetas Modernos do Brasil); *Oswald Canibal* (Coleção Elos); *Passagem para o poético*; *A filosofia contemporânea*; *No tempo do nihilismo e outros ensaios* e *Crivo de Papel* (ensaios literários e filosóficos). (Nota da IHU On-Line)

“A Manuel Bandeira esta antilira para seus oitent’anos”. Na poesia de João Cabral, retomar a linguagem prosaica e próxima da fala, com sua música e ritmos próprios, era uma tarefa que não implicava uso de gíria ou coloquialidade, pelo menos não no sentido mais óbvio. E nisso ele está muito distante de Drummond, quem ele muito admirava. Em sua obra, adota-se uma espécie de linguagem elevada e limpa de coloquialidade, talvez para melhor transmitir o raciocínio e alguma abstração; os quais se dedicam, no entanto, a objetos definidos. Exemplo?

A palavra seda

A atmosfera que te envolve atinge tais atmosferas que transforma muitas coisas que te concernem, ou cercam.

É como a coisas, palavras impossíveis de poema: exemplo, a palavra ouro, e até este poema, seda.

É certo que tua pessoa não faz dormir, mas desperta; nem é sedante, palavra derivada da de seda. (...)

IHU On-Line - Que visão João Cabral de Melo Neto tinha de seus leitores? Em que sentido ele, os enfrenta?

Homero Araújo - Para tentar responder de forma simples uma questão complexa, é possível dizer que Cabral trata seus leitores “a palo seco”, nos termos do poema famoso. Enfim, o poeta não deixa de ser razoavelmente

explícito sobre seu método.

A palo seco

(...)

A palo seco cantam a bigorna e o martelo, o ferro sobre a pedra, o ferro contra o ferro;

a palo seco canta aquele outro ferreiro: o pássaro araponga que inventa o próprio ferro.

A palo seco existem situações e objetos: Graciliano Ramos, desenho de arquiteto,

as paredes caídas, a elegância dos pregos, a cidade de Córdoba, o arame dos insetos.

Eis uns poucos exemplos de ser a palo seco, dos quais se retirar higiene ou conselho:

não o de aceitar o seco por resignadamente, mas de empregar o seco porque é mais contundente.

Assim, o resultado aponta para uma maneira que, para além de ser argumentativa, racional, elegante e formalizada, deve produzir impacto, destabilizar o leitor. Neste sentido, é uma poesia que está sempre disposta à provocação.

INFORME-SE ATRAVÉS DAS NOTÍCIAS DO DIA.

LEIA EM WWW.IHU.UNISINOS.BR

Uma originalidade que vem da especificidade

Para Vera Haas, Cabral toca a História, a Literatura e a paisagem do Brasil

POR GRAZIELA WOLFART

A grande contribuição de João Cabral de Melo Neto para a literatura brasileira, segundo a professora da Unisinos, Vera Haas, é de que, no texto dramático do escritor, há o uso mais intenso de recursos de retomada de palavras e de sentidos. Outra contribuição importante, continua a professora, na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, “pode ser a escritura do Brasil, não por meio de narrativas, como vinha ocorrendo nos últimos anos, mas de textos dramáticos em que a tônica não é somar, acrescentar características, mas tirar, diminuir, limpar dos excessos para cruzar sentidos aparentemente inconciliáveis”. Com essa poética, explica, “João Cabral responde criticamente ao aviltamento humano e à busca brasileira por uma identidade mediada pela natureza exuberante e pelo palavreado vivo e fácil tomado à oralidade”.

Vera Haas possui graduação em Comunicação Social pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, onde, atualmente, é professora, e em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Também na UFRGS, realizou o mestrado em Letras e sua dissertação intitula-se *O Autor Implícito: um colecionador*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a originalidade de João Cabral? Qual sua especificidade dentro da literatura brasileira que justifica sua permanência?

Vera Haas - Bem, diria que a originalidade cabralina advém de sua especificidade. Primeiramente, percebemos que João Cabral produz um texto literário que, de um lado, busca romper com a tradição lírica literária brasileira (e, efetivamente, inova!) porque ele desmonta os recursos usuais de nossa lírica e desloca rimas, assonâncias e aliterações do centro (conceitual e formal) do poema lírico, lugar ocupado pela evidência das construções da imagem poética. E o tom que o escritor ensaia é o tom seco, sem fluidez: o tom da poesia deve permitir a composição de imagens como a seca e o rio, a moça e o trem, a mulher e a casa, o mar, o canavial, a bailarina, o edifício... Desse movimento de composição do escritor, provém o segundo passo: uma poesia que se desnuda, evidenciando o que a crítica convencionou chamar a máquina do poema (penso aqui em um texto de Benedito Nunes, *A educação pela pedra*). Nesse sentido, João Cabral talvez inove de tal maneira que ainda não encontramos muitos autores

que dialogam com sua estética, senão parcialmente, como é o caso de Arnaldo Antunes, cuja poesia tem como uma das vertentes a poética cabralina.

IHU On-Line - Que leitura do Brasil é feita por João Cabral?

Vera Haas - A leitura do Brasil que encontramos em Cabral dependerá muito da obra que focalizarmos, afinal, todo escritor tem uma trajetória. Considerando a forma, os primeiros livros de João Cabral (*Pedra do sono* ou *Os três mal-amados*, por exemplo) apresentam um diálogo com a tradição brasileira. Particularmente, as obras revisam recursos técnicos e metáforas que, apesar dos movimentos estéticos passados, ainda se apresentavam como fórmulas residuais intocadas, apresentando a estagnação da herança literária. Formalmente, isso equivale a uma visão lúcida do cenário das letras no país e a uma consciência da atitude criadora e ousada do poeta brasileiro, uma vez que João Cabral pensa não apenas a poesia brasileira, mas a lírica do ponto de vista universal, como mostra seu ensaio *Joan Miró*, obra prima de teoria da arte e da literatura. As obras literárias acima destacadas demonstram, ainda,

os gêneros literários caros ao autor, a lírica e o drama. Ou seja, Cabral diz o Brasil fugindo às narrativas. Aliás, convém lembrarmos que Cabral preferirá a forma do auto não para reproduzir o tom das vozes regionais, mas para desnudar as formas de dizer o mundo. Quanto à representação do país por meio de personagens e/ou vozes, se tomarmos como exemplo um de seus textos mais conhecidos, *Vida e morte Severina* ou *auto de Natal pernambucano*, encontramos uma representação do retirante nordestino, figura de um povo desvalido, sem nada seu que não o próprio corpo, ao qual caberá, apenas, em morte, uma cova rasa no latifúndio da seca. Nesse texto dramático, tanto a forma auto quanto o protagonista representam um país que abandona seu povo, um país de paisagens secas e povo mendicante. Ao final do texto, surpreende-nos uma esperança diversa daquela a que nos acostumamos como filhos de um país de matas e natureza abundante. Como percebeu Antonio Secchin¹ ao estudar a “poética do menos” cabralina, a esperança reside no menos, na pequena e esqualida vida de

¹ Confira nesta edição uma entrevista exclusiva com Antonio Secchin. (Nota da IHU On-Line)

um Severino que nasce apesar de tudo o que não tem, e que cresce apesar das perdas já preditas em seu nascimento. Já em um texto formalmente mais ousado, como *O auto do frade* ou *poema para vozes*, o escritor utiliza recursos que vão da representação da “contação” de histórias à projeção de filmes. Desse modo, apesar do caráter datado dos eventos do auto, consegue colocar em cena uma nação em que progresso tecnológico, consciência intelectual e iluminista e práticas alicerçadas em expressões do saber popular convivem. Mas trata-se de uma convivência em que essas perspectivas de mundo não se harmonizam, antes, convivem como vozes fundamentalmente diferentes entre si, de modo que interagem apenas indiretamente. Possivelmente, esse seja um dos motivos pelos quais Cabral utiliza os três gêneros literários para a composição do seu *Poema para Vozes*. O texto representa um Brasil que, no curso de sua História, não conseguiu reunir essas vozes tão dissonantes.

IHU On-Line - Como a senhora analisa a representação de Frei Caneca na poesia “Auto do Frade”, de João Cabral de Melo Neto?

Vera Haas - Quando escrevi minha dissertação, *O autor implicado: um colecionador*, analisei as gentes e o frade, personagens que ocupam boa parte do auto. Frei Caneca existe nessa inter-relação porque o *Auto do frade* é um texto dramático. Caneca é a voz racional, lúcida como o sol do Recife, ou seja, clara demais para as gentes (aliás, clareza dos ossos, do Iluminismo e do sol nordestino, na perspectiva do escritor). Embora almeje a civil geometria, sabe que não a conquistou e não a verá. Frei Caneca é um homem brasileiro que, embebido pela paisagem escaldante e clara e pelo povo que apadrinhou, usufrui intensamente de sua consciência e de tudo o que o cerca nessa caminhada à força. Segundo os espectadores, bêbado, Caneca está pleno de lucidez, de tal modo, que não consegue alcançar a lógica do povo que o acompanha (numa oposição à História). Ainda pela poética do menos, o frei faz-se homem para ser glorificado pelo povo. A excomunhão o aproxima da gente comum e, na visão dessa gen-

te, de Nossa Senhora do Carmo. Cabral subverte o tema de origem dos autos ao colocar em foco não um homem que se santifica, mas um frade que, excomungado, ganha a beatitude e a lenda. Com essa representação, o escritor realça o homem e suas ideias, as dicotomias entre os intelectuais esclarecidos e o povo ao qual se dirigiam.

IHU On-Line - De que maneira João Cabral unia, em sua obra, a arte da poesia, a história e a questão social?

Vera Haas - Bem, o modo pelo qual Cabral pratica essa união deve-se aos recursos que utiliza para a composição do poema. Como mencionei acima, o desnudamento da máquina do poema permite que, *pari passu*, o autor (ou,

**“Cabral preferirá a
forma do auto não para
reproduzir o tom das
vozes regionais, mas para
desnudar as formas de
dizer o mundo”**

ainda, o auto implicado) possa evidenciar a sobreposição de campos de sentido. Podemos retomar as metáforas que compõem o perfil de Frei Caneca do Amor Divino: clareza dos ossos, do Iluminismo e do sol nordestino. Ou ainda, as palavras claras como a geometria, as palavras de bêbado porque palavras do coração. Com imagens que remetem a elementos concretos ou a ideias, ao interseccionar os campos de sentido que as palavras evocam, João Cabral demonstra a sagacidade e a intelectualidade do frei e, ao mesmo tempo, suas parciais cegueira e surdez. Cabral toca a História, a literatura e a paisagem do Brasil.

IHU On-Line - Em que medida os versos de “Auto do Frade” exprimem a força política e revolucionária das palavras de Frei Caneca?

Vera Haas - Bem, diria que, certamente, esses versos não exprimem as palavras de Frei Caneca. Força revolucionária, sim, mas distinta da empreendida por Caneca. Frei Caneca e João Cabral são homens de seu tempo, séculos os distanciam. João Cabral tem uma visão crítica, mas arejada, do Brasil. Ele não retoma temas históricos repisados. Ao contrário, desloca a centralidade de Tiradentes para a nossa Independência, colocando no lugar de centro outro andar, o excomungado Caneca, filho de tanoeiro. Essa é a figura histórica que escolhe para repensar a História brasileira e, em particular, a História do povo e dos intelectuais que buscavam uma República para a nação. Essa é a contribuição do diplomata, escritor e homem de esquerda. Talvez outro aspecto da força reflexiva e crítica de Cabral sejam algumas das fontes com as quais ele dialoga para compor esse texto. O escritor utiliza trechos de cartas de Caneca a uma de suas afilhadas. Nesses excertos, o frade descreve o calabouço, a escuridão e os ossos ali espalhados. Os eventos que envolveram a tentativa de enforcamento do frade carmelita, por outro lado, remetem a narrativas constantes em livros de História. E as metáforas cabralinas para a relação da força com o condenado dialogam particularmente com expressões utilizadas para relatar a ida do condenado até a forca, presentes na coleção *Grandes personagens da nossa História*, publicação da editora Abril Cultural na década de 1970. Trata-se de um escritor que reflete sobre a escrita de sua História e sobre as escolhas de sua Literatura. A palavra como força coloca-se como o elemento que aproxima a força do escritor e do frade, filhos de Pernambuco.

IHU On-Line - Qual a principal contribuição de João Cabral em relação ao teatro poético brasileiro?

Vera Haas - No texto dramático cabralino, há o uso mais intenso de recursos de retomada de palavras e de sentidos. Essa é sua grande contribuição. Claro, podemos aliar a isso a ênfase a uma lírica que, permeando o texto dramático, traz à tona os recursos da lírica moder-

na na visão de Adorno² e Habermas.³ Mas isso pode ser aplicado a toda a obra de João Cabral de Melo Neto. Outra contribuição importante pode ser a escritura do Brasil, não por meio de narrativas, como vinha ocorrendo nos últimos anos, mas de textos dramáticos em que a tônica não é somar, crescer características, mas tirar, diminuir, limpar dos excessos para cruzar sentidos aparentemente inconciliáveis. Com essa poética, João Cabral responde criticamente ao aviltamento humano e à busca brasileira por uma identidade mediada pela natureza exuberante e pelo palavreado vivo e fácil tomado à oralidade.

IHU On-Line - Como a questão da morte aparece na obra de João Cabral de Melo Neto?

Vera Haas - Na obra do escritor, a morte aparece ligada aos problemas sociais. Ora relaciona-se à miséria, ora a eventos políticos e revolucionários. Por vezes, ainda utilizando o recurso da intersecção de sentidos, Cabral cruza a morte e a festa em que todos comem juntos e se reúnem, cruzando aspectos culturais e pobreza. Outras vezes, a morte pode ser equiparada ao sono, ou ainda à escuridão, à surdez, ou a uma incapacidade de escuta, à certa perda dos sentidos, como ocorre no *Auto do frade*.

IHU On-Line - Que aproximações podemos fazer entre João Simões Lopes Neto,⁴

2 Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

3 Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve construir-se pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos se voltam para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, www.ihu.unisinos.br, nas Notícias do dia, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da IHU On-Line)

4 João Simões Lopes Neto (1865-1916): escritor gaúcho. A ele a revista IHU On-Line dedicou a edição 73, chamada *João Simões Lopes Neto: força da*

João Guimarães Rosa⁵ e João Cabral de Melo Neto?

Vera Haas - Em que pese ter sido essa a pesquisa de minha dissertação, farei aqui uma aproximação *grosso modo* pelo espaço que temos. Analisei *Contos gauchescos*, *Primeiras estórias* e *Auto do frade* ou *Poema para vozes*. Os três escritores de nome João, o sul-rio-grandense, o mineiro e o pernambucano, aproveitam a “contação” de histórias e, particularmente, a atitude dos contadores como recursos para a representação de homens desvalidos e brasileiros. Mas cada um desses grandes escritores fará isso de modo diferente, daí o ineditismo que cada um alcançou em sua produção literária e o encantamento que nos oferecem até hoje.

LEIA MAIS...

Vera Haas já concedeu outra entrevista à revista IHU On-Line.

* “Cinema como arte que incita ao questionamento”: *Quanto vale ou é por quilo?*. Entrevista publicada na IHU On-Line número 225, de 25-06-2007, disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_eventos&Itemid=26&task=evento&id=107&id_edicao=251

literatura brasileira e latino-americana. O oitavo número dos *Cadernos IHU Ideias* é intitulado *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho*, de autoria da Prof^a Dr^a Márcia Lopes Duarte, professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. A publicação tem como base a apresentação da professora no IHU Ideias de 4 de setembro de 2003. É possível conferir sobre o autor uma entrevista concedida por Márcia na IHU On-Line número 73, de 1º de setembro de 2003. Entre as principais obras do escritor, destacamos *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913), *Casos do Romualdo* e o primeiro volume de *Terra Gaúcha*, estes dois últimos surgidos muito tempo após sua morte, em 1950. (Nota da IHU On-Line)

5 João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras estórias* (1962), Tutaméia (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título “*Sertão é do tamanho do mundo*”. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas. (Nota da IHU On-Line)

CONHEÇA AS OUTRAS PUBLICAÇÕES DO IHU
ACESSANDO O SÍTIO WWW.IHU.UNISINOS.BR

A subjetividade de João Cabral: legado para a literatura contemporânea

Ao contrário das sedutoras imagens veiculadas em relação à paisagem dos trópicos e ao turismo atual, a brasilidade expressa por Cabral representa aspectos da história, da cultura e da geografia do país, calcados basicamente na região nordeste como lugar de contundente problemática social, afirma Maria do Carmo Alves de Campos

POR GRAZIELA WOLFART

“**A**lguns leitores consideram antilíricos os poemas de Cabral. Já o poeta pernambucano confessa que a descoberta da poesia de Drummond foi chave de abertura para o seu próprio projeto de obra. As obras de Carlos Drummond de Andrade e de João Cabral de Melo Neto abrem, cada uma a seu modo, novas possibilidades para a poesia brasileira”. A análise é da professora Maria do Carmo Alves de Campos, na entrevista que segue, concedida, por e-mail, para a **IHU On-Line**. Ela defende que, na obra de João Cabral, “a relação com os espaços é bastante singular, sendo que, em poemas fundamentais, o espaço (rio, caatinga, sertão, mar) não se constitui como paisagem, mas personifica-se a si mesmo, como lugar e natureza”. Por outro lado, continua, “algumas cidades (Recife e Sevilha) também são radicais na obra, sendo objeto e foco de poemas e de livros (Sevilha Andando e Andando Sevilha). É difícil imaginar a obra cabralina sem Recife (ou Pernambuco)”.

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, Maria do Carmo Alves de Campos foi professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora, ensaísta e poeta, é organizadora do livro *João Cabral em perspectiva* (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995); e autora de, entre outros, *matinas & bagatelas: poemas* (São Paulo: Ateliê, 2002); *O olhar do caminho: Santiago de Compostela*, (poesia e fotografia, em parceria com Mauro Paranhos) (Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002). Possui dezenas de trabalhos publicados no Brasil e no exterior, incluindo diversos ensaios sobre poesia brasileira, particularmente, Drummond e João Cabral de Melo Neto. Nos últimos anos, tem se dedicado a escrever poesia e a trabalhos em que a poesia entra ao lado de outras artes. Desenvolve paralelamente um projeto de oficinas de leitura criativa. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como se dá a relação entre lirismo e antilirismo a partir das obras de Drummond e João Cabral de Melo Neto?

Maria do Carmo Campos - Alguns leitores consideram antilíricos os poemas de Cabral. Já o poeta pernambucano confessa que a descoberta da poesia de Drummond foi chave de abertura para o seu próprio projeto de obra. As obras de Carlos Drummond de Andrade e de João Cabral de Melo Neto abrem, cada uma a seu modo, novas possibilidades para a poesia brasileira. No Brasil, no mínimo a partir das primeiras décadas do século XX, a poesia escapa cada vez

mais para fora de limites mais estreitos, condicionantes, de alguma forma, do seu fazer. O contato com novas linguagens artísticas e não-artísticas, a ampliação do campo das subjetividades, a sensibilidade para as novas e complexas formas do viver moderno e contemporâneo e, ainda, as especificidades históricas da experiência brasileira são fatores que trazem interrogações desestabilizadoras do lugar do sujeito e da sua própria voz. Mais ou menos aproximadas da música, as poéticas de Drummond e de Cabral ampliam-se para modos de representação que podem inovar formas da tradição

ou investir na reinvenção da memória e do olhar. Tanto o “eu todo retorcido” de Drummond quanto a subjetividade quase velada de João Cabral são legados igualmente positivos para a literatura contemporânea.

IHU On-Line - A cidade para Drummond tem a mesma importância que o sertão tem para João Cabral?

Maria do Carmo Campos - A cidade tem alta frequência na poesia de Drummond, desde o pequeno berço itabirano até um conjunto de imagens recorrentes e inventivas que caracterizam o poeta com um pendor à vida

urbana e ao cosmopolitismo. Habitante dos extremos, Drummond não perde a roça de vista, mas tem na mira o sentimento e a voltagem de um grande mundo. É esse mundo que se destila entre fatos históricos, personagens do porte de Quixote e Chaplin, e grandes cidades, como Paris, Stalingrado, Berlim, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. No caso de João Cabral, a relação com os espaços é bastante singular, sendo que, em poemas fundamentais, o espaço (rio, caatinga, sertão, mar) não se constitui como paisagem, mas personifica-se a si mesmo, como lugar e natureza. Por outro lado, algumas cidades (Recife e Sevilha) também são radicais na obra, sendo objeto e foco de poemas e de livros (Sevilha Andando e Andando Sevilha). É difícil imaginar a obra cabralina sem Recife (ou Pernambuco).

IHU On-Line - Quais as principais marcas dos personagens literários de João Cabral de Melo Neto?

Maria do Carmo Campos - Se pensarmos nas figuras de Severino de *Morte e vida severina*, de Frei Caneca de *Auto do Frade*, da bailadora andaluza do livro *Quaderna*, do toureiro Manolo Otero, podemos dizer que a diversidade é marca das personagens de João Cabral. Muitas vezes encobertas pelo anonimato, são ao mesmo tempo inventadas e inspiradas nos níveis mais profundos do real. Para além da imagem mítica de Anfião, aparecem individualidades fortes, constitutivas de uma obra poética nitidamente enraizada do ponto de vista histórico, telúrico e cultural.

IHU On-Line - Em que sentido a obra poética de João Cabral pode ser inspiração para a poesia contemporânea brasileira?

Maria do Carmo Campos - Do ponto de vista de “inspiração”, o convívio assíduo com a obra cabralina possibilita aos leitores da língua portuguesa raras lições. Entre elas, a da linguagem poética como um campo verbal não-trivial, apto a magnetizar a palavra e transcender os limites da comunicação básica.

“A poesia cabralina abre caminhos à literatura e à poesia brasileira em muitas direções: ampliação temática, desprendimento do confessionalismo e da reverberação sentimental de baixa sutileza, pesquisa de formas, possibilidade de tratamentos mais sóbrios no tocante à dicção poética, além da abordagem diferenciada do recurso da ironia”

IHU On-Line - É possível perceber influências da poesia europeia na obra de João Cabral, em função de sua estada na Espanha?

Maria do Carmo Campos - A relação literária de João Cabral com a Europa dá-se em largos horizontes, considerando os contatos não só com escritores, mas também com artistas (Joan Miró) nos períodos em que exerceu atividades diplomáticas em Barcelona, Londres, Sevilha, Marselha, Madri, Genebra, Berna, Dacar, Quito, Honduras e Porto. Atento às diferenças, afina sua têmpera pela experiência e pela leitura, o que o conduz a resultados como o convívio na obra do lastro da tradição com as conquistas do século. Por um lado, o poeta dá tratamento a motivos relacionados às novas arquiteturas de um mundo em acelerada transformação e incorpora traços da tecnologia e da multiplicação de ob-

jetos. Por outro, frequenta e valoriza poéticas de vários períodos históricos, a exemplo de Berceo, Quevedo e Rafael Alberti, sem desconsiderar os franceses e o pano de fundo grego, raiz de ser da Fábula de Anfião.

IHU On-Line - Qual o principal legado deixado por João Cabral para a literatura brasileira?

Maria do Carmo Campos - A poesia cabralina abre caminhos à literatura e à poesia brasileira em muitas direções: ampliação temática, desprendimento do confessionalismo e da reverberação sentimental de baixa sutileza, pesquisa de formas, possibilidade de tratamentos mais sóbrios no tocante à dicção poética, além da abordagem diferenciada do recurso da ironia.

IHU On-Line - Como a brasilidade se expressa na obra de João Cabral?

Maria do Carmo Campos - Ao contrário das sedutoras imagens veiculadas em relação à paisagem dos trópicos e ao turismo atual, a brasilidade expressa por Cabral representa aspectos da história, da cultura e da geografia do país, calcados basicamente na região nordeste como lugar de contundente problemática social.

IHU On-Line - Como João Cabral é visto no exterior? Qual a repercussão de suas obras e que imagem do Brasil ele leva para fora do país?

Maria do Carmo Campos - Tendo vivido em vários países da Europa, da América e da África, João Cabral já se fazia conhecido a partir de 1947, quando passou a viver em Barcelona e frequentou o meio artístico e literário, convivendo com Joan Miró, Joan Brossa e tantos outros. Em 1965, o auto-de-natal pernambucano “Morte e vida severina”, musicado pelo jovem Chico Buarque de Holanda, é encenado e premiado na Europa. Além das traduções para diferentes idiomas, a obra recebeu vários prêmios e distinções internacionais, entre eles, o Prêmio Camões. A imagem do Brasil traduzida pela obra não é a mesma comumente transmitida pela mídia e pela publicidade turística.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Brasil em Foco

“Separar economia do meio ambiente é não entender nada”

José Eli da Veiga defende que o Brasil tem que ser competitivo, mas, ao mesmo tempo, com sustentabilidade ambiental. E que essa equação é econômica

POR GRAZIELA WOLFART

Ao refletir sobre a Convenção das Partes sobre o Clima de Copenhague que se aproxima, sobre o debate em torno da emissão de gases tóxicos e sobre as relações políticas entre os países desenvolvidos e emergentes em torno do tema, o professor José Eli da Veiga concedeu a instigante entrevista que segue à **IHU On-Line**, por telefone. Ele acredita que, “como a crise financeira acabou se tornando uma crise econômica, que já começa a ser superada, tivemos um saldo benéfico, porque essas recessões todas contiveram as emissões”. No entanto, continua, “não é assim que queremos conter as emissões, não é a custa de desemprego e de aumento da pobreza”. Eli da Veiga afirma que podemos ter certeza de mais uma coisa: “haverá outra crise tão grave como essa e não vai demorar muito”. O professor da USP considera que o Brasil poderia ter aproveitado melhor a situação favorável que teve diante da crise econômica “se tivéssemos hoje um sistema de ciência e tecnologia na rota do que precisa ser feito. Nós estaríamos aproveitando isso justamente para nos tornarmos em pouco tempo mais competitivos na linha da sustentabilidade, que é o elemento decisivo neste século”. E dispara: “as elites brasileiras, em geral, estão absolutamente cegas. Elas estão fazendo a mesma coisa que fizeram no século XIX com a questão fundiária, e no século XX com a educação”. Eli da Veiga também fala sobre o que significa para o Brasil a pré-candidatura de Marina Silva à presidência, considerando que ela, além de encarnar o que é o futuro em função do ecodesenvolvimento, é, ainda, do ponto de vista pragmático, uma grande solução para o Brasil no impasse político e institucional em função das alianças com o Congresso.

José Eli da Veiga é professor do Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP), onde coordena o Núcleo de Economia Socioambiental (NESA). Além de artigos em periódicos científicos nacionais e estrangeiros, e diversos capítulos de obras coletivas, publicou 13 livros, entre os quais: *A Emergência Socioambiental* (São Paulo: Ed. Senac, 2007); *Meio Ambiente & Desenvolvimento* (São Paulo: Ed. Senac, 2006); e *Desenvolvimento Sustentável - O desafio do século XXI* (Rio de Janeiro: Garamond, 2005). É colaborador da coluna de opinião do jornal *Valor Econômico*. Sua página pessoal na Internet é <http://www.zeeli.pro.br>. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Pensando em Copenhague, quais as expectativas que podemos ter em relação ao encontro? Quais as novidades que ele pode trazer em relação ao Protocolo de Kyoto, por exemplo?

José Eli da Veiga - Com certeza será melhor que o Protocolo de Kyoto.¹ Mas

¹ Protocolo de Kyoto: consequência de uma série de eventos iniciada com a Toronto Conference on the Changing Atmosphere, no Canadá (outubro de 1988), seguida pelo IPCC's First

o problema não é esse; é saber se ele

Assessment Report em Sundsvall, Suécia (agosto de 1990) e que culminou com a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (CQNUMC, ou UNFCCC em inglês) na ECO-92 no Rio de Janeiro, Brasil (junho de 1992). Também reforça seções da CQNUMC. Constitui-se no protocolo de um tratado internacional com compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases que agravam o efeito estufa, considerados, de acordo com a maioria das investigações científicas, como causa antropogênicas do aquecimento global. (Nota da IHU On-Line)

será efetivo, porque o Protocolo de Kyoto foi um desastre. Pode até ser que Copenhague seja um pouco melhor, mas continue sendo um desastre. Há esse risco. As coisas evoluíram positivamente, sobretudo, depois da eleição de Barack Obama. Mas não só por causa de mudanças na China, que estão diretamente relacionadas com a questão Obama, ou por causa das eleições na Austrália e no Japão. Há

uma série de fatos novos, sobretudo neste último ano, que são muito promissores. Todavia, não houve tempo ainda, justamente porque esses fatos são muito recentes, para que a grande questão, que é ainda a resistência dos países emergentes, se resolva. Os países emergentes, inclusive o Brasil, ainda estão em uma situação um pouco dúbia em relação a isso. Diferente do movimento um pouco mais consistente dos países desenvolvidos. Eu prefiro falar em primeiro, segundo e terceiro mundo. Os países emergentes são em número maior do que se imagina e já constituem o segundo mundo em relação ao primeiro mundo desenvolvido e, depois, em relação a centenas de países que quase não emitem gases tóxicos e que serão as principais vítimas do aquecimento, que são o terceiro mundo. No primeiro mundo, a evolução foi muito positiva. Por exemplo, no caso dos Estados Unidos, que é chave, a lei ainda não foi votada no Senado. E está uma discussão sobre se ela será votada antes de Copenhague. Isso muda tudo. O grau de liderança que os Estados Unidos podem ou não ter, mesmo com uma lei que eles vão aprovar e que não é muito ambiciosa em termos de metas, muda completamente se tiverem aprovado ou não a lei. Depois, se o segundo mundo, os países emergentes, continuarem reticentes, manifestando uma tendência um pouco melhor agora, mas parecida com a que tiveram na época de Kyoto, todos os países desenvolvidos que já estão na rota - por exemplo, toda a Europa, o Japão, a Austrália etc. - necessariamente terão que apelar para a ideia do que será chamado de protecionismo. Terão que criar uma série de barreiras à importação de produtos de países que não estão tomando as devidas cautelas em relação ao clima. Isso vai gerar conflitos. O ideal seria que, em Copenhague, eles fossem bem claros em dizer o seguinte: houve um acordo sobre tais e tais questões, então vamos fechar sobre isso, porque é muito chato anunciar um fracasso. Mas isso ainda será pouco. É preciso que mantenham abertas as negociações para, antes de 2012, sair uma espécie de Copenhague em linha, ou Copenhague II. Daí dará tempo para

que fique clara a situação dos Estados Unidos (se vai ter lei, se não vai ter, qual será) e para que os países do segundo mundo, os emergentes (Brasil, Índia, China etc.) tenham tido tempo para continuar nessa evolução, que é muito recente.

IHU On-Line - Qual a importância da Convenção de Copenhague, em sua opinião?

José Eli da Veiga - A importância que eu dou para Copenhague não é tão grande. A transição ao baixo carbono está em curso faz tempo e independe de Copenhague. Os países que mais rapidamente perceberam que em vez de um problema, uma restrição, isso é uma grande oportunidade para uma nova etapa do capitalismo, já estão há muito tempo investindo

“Nessa questão do clima especificamente, infelizmente, o presidente está parecendo uma biruta de aeroporto. Cada declaração que ele faz dá numa direção”

em ciência, tecnologia e inovação. Assim, eles possuindo essas tecnologias que poderão ser a solução, terão as oportunidades de negócio. Isso está ocorrendo e vai continuar ocorrendo, seja qual for o resultado de Copenhague. E os países emergentes, como o Brasil, que ficaram nessa linha obtusa de resistência, não investindo em ciência e tecnologia com prioridade, não terão essas tecnologias e continuarão tendo que discutir essa questão de como vão comprar tecnologia dos outros através da tal transferência de tecnologia. Existe um movimento subjetivo, que são esses acordos internacionais e, particularmente, esse da convenção em Copenhague. E isso é muito importante pelo seguinte:

caso eles tomem decisões ambiciosas lá, acelera o processo. Mas se não tomarem essas decisões e, mesmo que seja um fracasso, a transição ao baixo carbono vai continuar e, nesse caso, mantendo a divisão do mundo atual, em vez de ser uma oportunidade para uma mudança. Essa mudança seria a seguinte: os países desenvolvidos, que detêm maior capacidade científica e tecnológica, deveriam fazer acordos de cooperação, principalmente com os países emergentes. Isso quer dizer que não haveria mais transferência de tecnologia, mas as tecnologias seriam buscadas em conjunto, em acordos bilaterais de cooperação, e alguns já estão ocorrendo, por exemplo, os Estados Unidos e a China já fizeram. Isso me faz relativizar a importância da Conferência de Copenhague. E um fracasso em Copenhague será muito pior para nós, do Brasil, do que será para eles, para quem no fundo não muda muito. Na verdade, o que está ocorrendo é uma tremenda corrida pelas tecnologias, que poderão levar à superação da era fóssil. E outra vez serão os mesmos países que fizeram a revolução industrial que vão levar a melhor nessa. E os países emergentes agiram de uma forma totalmente errada até agora, perdendo a oportunidade de mudar esse jogo.

IHU On-Line - Como o senhor vê a situação específica do Brasil neste cenário?

José Eli da Veiga - Está mudando positivamente. O chanceler Celso Amorim deu uma entrevista recentemente que mostra uma mudança bem grande. Eles começaram a acordar um pouco. Até escrevi um artigo recentemente em que pergunto “será que a ficha está caindo?”.

IHU On-Line - Mas e a visão do presidente Lula, que sinaliza muitas vezes um favorecimento do desenvolvimento econômico em detrimento da questão ambiental?

José Eli da Veiga - Nessa questão do clima especificamente, infelizmente, o presidente está parecendo uma biruta de aeroporto. Cada declaração que ele faz dá numa direção; depende de quem foi o último que falou com ele,

se foi o Carlos Minc, o Celso Amorim ou se foi um desses trogloditas do Ministério de Minas e Energia ou da Petrobrás. No governo, todos os setores que são muito ligados aos negócios com fósseis puxam para trás. Mas tem alguns setores que tentam ir para a frente. Um dos que deveriam tentar ir junto para a frente é o Ministério de Ciência e Tecnologia, mas infelizmente, é o contrário, ele está fazendo o jogo dos fósseis. Então, junta o Ministério de Ciência e Tecnologia e o Ministério de Minas e Energia, sua empresa de planejamento energético, mais a Petrobrás, e puxam o Lula para cá. Daí tem o Ministério do Meio Ambiente e, agora, também o Itamaraty, que, de repente, sacou que estava errado, e está mudando muito, jogando o presidente para a frente. E como ele ainda não tem uma convicção, cada declaração que ele faz vai para um lado.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre a crise financeira mundial e a redução na emissão de gases tóxicos na atmosfera?

José Eli da Veiga - Você usou a expressão crise *financeira*. Na verdade, a questão da crise financeira, em si, afetaria principalmente porque iam faltar recursos para, por exemplo, alguns investimentos favoráveis a uma transição ao baixo carbono, que estariam mais ou menos planejados, e se inviabilizaram por razões de falta de recursos, inclusive de redução de crédito. O que houve de principal é que, como a crise financeira acabou se tornando uma crise econômica, que já começa a ser superada, tivemos um saldo benéfico, porque essas recessões todas contiveram as emissões. Mas não é assim que queremos conter as emissões, não é à custa de desemprego e de aumento da pobreza. Então, como, no fundo, aparentemente, a superação dessa crise está sendo mais rápida do que previam, agora a discussão está no mesmo plano que estava antes. É importante ressaltar que nenhum economista pode achar que usa uma ciência que o permite fazer qualquer tipo de previsão. Mas de uma coisa podemos ter certeza: haverá outra crise tão grave como essa e não vai demo-

rar muito. Toda a questão é de aproveitar o período entre as duas crises para estabelecer essas instituições. E a única lição que podemos tirar é que nós teríamos aproveitado muito mais a situação que foi relativamente favorável para o Brasil - porque não tínhamos a tal bolha imobiliária, porque os procedimentos de regulamentação dos bancos aqui eram um pouco mais rígidos do que em outros países e, com isso, o choque foi menor, embora tenha tido um baque grande -, se tivéssemos hoje um sistema de ciência e tecnologia na rota do que precisa ser feito. Nós estaríamos aproveitando isso justamente para nos tornarmos em pouco tempo mais competitivos na linha da sustentabilidade, que é o elemento decisivo neste século. Nesse sentido, não é um problema nem de

“As pessoas que continuam a separar economia e meio ambiente não entenderam nada”

falar do governo, que é só uma parte disso. As elites brasileiras, em geral, estão absolutamente cegas. Elas estão fazendo a mesma coisa que fizeram no século XIX com a questão fundiária, e no século XX com a educação. Não há foco no Brasil em relação à ciência, à tecnologia e à inovação. E isso é um atraso. O Brasil não será um país desenvolvido neste século se continuar nessa perspectiva.

IHU On-Line - O que representa para o Brasil a possibilidade da candidatura de Marina Silva à presidência do país? O que isso significa do ponto de vista político e social?

José Eli da Veiga - Já significou muita coisa, porque mudou tudo. Primeiro, porque, em muitos pontos do governo, o Ministério do Meio Ambiente - no caso, o Carlos Minc - estava imaginando que já tinha perdido e passou a ganhar. Deu-se uma reversão muito

grande no governo. E já começou a mudar também a perspectiva dos candidatos ditos mais competitivos. Agora, os chamados programas de Dilma e Serra terão que dar uma prioridade muito maior para essa questão do que davam. Isso já são ganhos contabilizados. O que está por vir vai depender muito. É muito difícil fazer uma previsão de como será o decorrer dessa campanha. Mas a pré-candidatura dela trouxe de cara duas coisas importantíssimas: primeiro, oxigenou o debate que estava parecendo trocar seis por meia dúzia. No fundo, a diferença programática entre o tucanato e os petistas é muito pequena; é a questão da ênfase no papel do Estado. E o grande problema é que ambos são prisioneiros, são chantageados pelas oligarquias que souberam se organizar para chantagear o Lula do mesmo jeito que fizeram com Fernando Henrique. A perspectiva para o Brasil teria que ser de romper com esse esquema de uma hora ganha um, outra hora ganha outro, mas estão sempre presos a Sarneys, a Renans e a outros até piores. O rompimento disso seria, por exemplo, algum governo que pudesse aproximar o PT do PSDB numa coalizão. E acho que a única possibilidade que existe é da Marina. Além de ela encarnar o que é o futuro em função do ecodesenvolvimento, ela é ainda, do ponto de vista pragmático, uma grande solução para o Brasil no seguinte impasse político e institucional: seja que ganhe o Lula ou que ganhem os tucanos com os “demos” lá, os governos serão outra vez a mesma repetição do que foi o Fernando Henrique e o Lula no sentido de que são prisioneiros de ter que fazer aliança no Congresso com tudo o que há de mais atrasado no país.

IHU On-Line - Além da questão ecológica, que novidades Marina Silva poderia trazer ao Brasil do ponto de vista da economia?

José Eli da Veiga - Não dá mais para fazer essa separação. As pessoas que continuam a separar economia e meio ambiente não entenderam nada. Há duas questões no mundo hoje em termos de décadas e em termos de século XXI e, ou o Brasil se insere nisso ou

está perdido. Essas duas questões são: o aquecimento global e a ressurreição da China. O Brasil tem que ser competitivo, mas, ao mesmo tempo, com sustentabilidade ambiental. Essa equação é econômica. É disso que os candidatos com cabeça mais “cepalina”, como é o caso do Serra e da Dilma, não conseguem entender. Eles estão atrasados. Então a novidade é essa. Esse negócio de dizer que a Marina terá só pauta ambiental é besteiro, porque o que estamos querendo é discutir na prática o que significa uma expressão que já tem 30 anos: desenvolvimento sustentável. Eu prefiro ecodesenvolvimento. Mas eles não têm resposta para o que é desenvolvimento sustentável. E se alguns assessores deles até tiverem, quando eles usarem isso na campanha será artificial, porque não partirá de convicção pessoal.

LEIA MAIS...

Um “novo” PIB? Entrevista com José Eli da Veiga, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22315

“É uma candidatura para valer, não para marcar posição”, aposta José Eli da Veiga, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=24863

Para exorcizar o Protocolo de Kyoto. Artigo de José Eli da Veiga, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=18721

O Crescimento não resolve todos os males do Brasil, afirma José Eli da Veiga, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=2743

Será que a ficha começa a cair?, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=25360

Foco estratégico para o desenvolvimento, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=26154

Brasil pode perder o bonde do carbono, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22971

Entrevista da Semana

“Para Darwin, estar vivo é ser diferente”

Na visão de Pietro Corsi o darwinismo é a forma científica de olharmos a natureza

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO LUCAS SCHLUPP

No último dia 10 de setembro, logo após proferir a conferência Histórias não contadas: a questão das espécies antes de Darwin, dentro da programação do X Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin, o professor e historiador Pietro Corsi, da Universidade de Oxford, Inglaterra, concedeu a entrevista que segue, pessoalmente, à IHU On-Line. Nela, ele repercute aspectos do tema que tratou no evento e afirma: “Darwin acreditava que a caridade cristã era um produto da evolução”, além de declarar também que não acredita que haja qualquer relação entre ciência e fé. “Darwin nunca disse que descendemos dos macacos. Nunca! Ele disse que humanos e macacos têm um ancestral comum. O que é uma coisa completamente diferente. No entanto, a maioria dos racialistas da Europa, na época, acreditava que os negros descendiam dos macacos e os brancos eram um aperfeiçoamento. Darwin não acreditava nisso”, esclarece Corsi.

Professor Catedrático de História das Ciências na Universidade de Oxford, Pietro Corsi é um dos maiores especialistas mundiais da história da Ciência e Tecnologia do século XVIII e, particularmente, do período pré-Darwin. Entre dezenas de trabalhos acadêmicos, foi inovador na utilização da Internet como ferramenta de difusão dos documentos e legados históricos, tendo sido o autor e responsável científico pelos sites oficiais de biólogos eminentes desta época, mormente de Buffon (<http://www.buffon.cnrs.fr/>) ou de Lamarck (<http://www.lamarck.cnrs.fr/>). Entre outros, é autor de *Information Sources in the History of Science and Medicine* (London: Butterworth Scientific, 1983); *Science And Religion: Baden Powell And The Anglican Debate, 1800-1860* (Cambridge: Cambridge University Press, 2008). Está no prelo, a ser lançada em 2010, a obra *Evolution before Darwin*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que a teoria darwinista ainda se encontra em construção?

Pietro Corsi - O que chamamos de teoria darwinista é hoje, e sempre foi, uma série de teorias muito complexas. O darwinismo seria a forma científica de olharmos a natureza. E ser científico é estar sempre aberto para novos avanços, novas mudanças. Este aspecto de “estar em construção” vale para tudo o que é científico. Até na astronomia, na astrofísica, a própria teoria do Big Bang mudou muito nos últimos vinte anos. Por exemplo, um elemento muito importante do darwinismo, do qual as pessoas concordam, é que os organismos apresentam variações, e estas variações são a base para o desenvolvimento de novas formas de vida. Então, não é apenas o ambiente que muda os indivíduos, que forma os organismos, mas os organismos reagem ao ambiente, graças ao fato de que são diferentes uns dos outros. Portanto, a diferença é o que importa. Essa ideia é contrária ao que se acreditou por séculos: de que a vida é estável, de que há pequenas variedades na natureza. Mas há espécies dentro de espécies, e que sempre permanecerão espécies. Darwin compreendeu isso e disse que as espécies são uma criação da nossa mente, e o que temos na natureza são apenas indivíduos. Claro que ele não foi o primeiro a dizer isso. Mas certamente ele insistiu em dizer que estar vivo é ser diferente. Mesmo as crianças com o mesmo pai e mãe apresentam diferenças muito pequenas. Mas nenhum indivíduo é igual a outro. Hoje, os geneticistas dizem que até gêmeos não são iguais. Então, a vida é essencialmente diversificada.

IHU On-Line - Quais as maiores consequências históricas do fato de que Darwin destronou o ser humano do centro do mundo?

Pietro Corsi - Não foi Darwin quem “destronou” o homem do centro da criação. Isso foi uma ideia apresentada por diversos filósofos e até teólogos, mas certamente foram os naturalistas, desde a segunda metade do século XVIII, que fizeram piada da humanidade e que acreditavam serem os melhores. No início do século XIX, tivemos muitos naturalistas que disseram que os humanos eram os mais fracos. Diziam que os humanos

desenvolveram cérebros justamente porque são tão frágeis que um mosquito poderia matar um homem. Então, a ideia de que a humanidade era a coroação da criação foi certamente difundida, mas também muito questionada. Quase todo mundo concordava na Europa, no século XIX, que as pessoas negras eram inferiores, que não eram seres humanos. Darwin, ao contrário, acreditava que os negros eram seres humanos. Então, o papel central da humanidade na criação já havia sido contestado por colonialistas e racialistas, não por Darwin. Darwin tinha uma percepção muito aguçada para a benevolência. Ele disse que podemos ver a benevolência desenvolvendo-se até nos cães. Darwin acreditava que a caridade cristã era um produto da evolução. E que a Inglaterra tornou-se um grande império porque o cristianismo provocou uma seleção e aumentou a coesão grupal. Darwin nunca disse que descendemos dos macacos. Nunca! Ele disse que humanos e macacos têm um ancestral comum. O que é uma coisa completamente diferente. Agora, a maioria dos racialistas da Europa, na época, acreditava que os negros descendiam dos macacos e os brancos eram um aperfeiçoamento. Darwin não acreditava nisso.

IHU On-Line - Em sua opinião, quem mais influenciou Darwin? Como as ideias de Lamarck aparecem na obra dele?

Pietro Corsi - Havia diversas teorias sobre o que hoje chamamos de evolução. Mas, na Europa do século XIX, antes de Darwin, havia diversas pessoas defendendo uma forma ou outra de evolução. Eles trabalharam a embriologia, a distribuição geográfica com base em fósseis, em domesticação. Então, muitas pessoas acreditavam que as espécies pudessem mudar ao ponto de criar novas espécies. Lamarck era um deles. E Darwin não gostava de Lamarck. Então, não acho que se pode dizer que havia uma influência de Lamarck sobre Darwin. Claro que Darwin acreditava que se pudesse adquirir características, mas não acreditava que isso fosse Lamarck. Por quê? Por que todos acreditavam nisso. Então, alguns historiadores dizem que há elementos de Lamarck em Darwin. Não, as teorias eram independentes. Lamarck e Darwin

acreditavam que se você exercitar um órgão, este se modificaria para uma outra forma. Mas todos acreditavam nisso. A diferença é que, para Darwin, a seleção natural é que determinava qual forma é transmitida para a próxima geração. Para Lamarck não.

IHU On-Line - Pensando na evolução histórica, como a sociedade hoje recebe a teoria da evolução? Qual a novidade do nosso tempo em relação à teoria da evolução?

Pietro Corsi - Isso é algo difícil de dizer. Hoje há muitos debates sobre a evolução, mas muito poucos de cunho científico. As pessoas debatem sobre a evolução para aprovar ou desaprovar a ciência, para dizer que Darwin estava errado, ou que não é compatível com o cristianismo, por exemplo. Ou, há pessoas na área da economia que acreditam em alguns embates darwinianos na economia. Mas, muitas vezes, esses debates têm pouco a ver com Darwin. Eles têm a ver com darwinismo. O que é diferente. O darwinismo tem sido em países diferentes, e às vezes no mesmo país, coisas diferentes. Há darwinistas de esquerda, de direita, em todo lugar. Então, a verdadeira chave para se entender o debate social sobre o darwinismo é a política.

IHU On-Line - Quais os desafios históricos da relação entre fé e ciência?

Pietro Corsi - Veja, eu não acredito que haja qualquer relação entre ciência e fé. Pois a ciência não existe e a fé também não existe, no sentido de que a fé e a ciência são interpretadas de diferentes formas.

IHU On-Line - E teologia?

Pietro Corsi - E a teologia, claro! A teologia é a história do debate. Eu estudei um pouco da história da teologia, que é naturalista. No que se refere à relação entre evolução e fé, no meu país, na Inglaterra, havia pessoas que acreditavam que, se você tivesse fé, deveria ser um evolucionista. E pessoas que diziam que se você tivesse fé, não poderia ser um evolucionista. Portanto, depende do que você pensa. Mas vários bons teólogos eram evolucionistas. E havia cristãos, e convictos, até entre os católicos, como dominicanos franceses, que acredita-

vam que o darwinismo ou a evolução poderiam ser aceitos pelos católicos. Enquanto isso, havia católicos que diziam: jamais! Então, não acho que haja qualquer debate entre ciência e fé. Há debates entre determinadas pessoas interpretando a religião de uma forma, e outras pessoas interpretando a ciência. Existem pessoas dogmáticas na ciência, assim como existem pessoas dogmáticas na teologia. A verdadeira pergunta é: quem diz o quê por quais motivos? Isso é o que deve ser perguntado. Pois, senão, acaba naquilo que Kant disse: “à noite todas as vacas são pretas”, ou seja, tudo fica igual.

IHU On-Line - Porque a teoria da evolução se transformou em uma necessidade filosófica?

Pietro Corsi - Há um autor que estudei, o fundador dos escoteiros, Baden-Powell, que acreditava que a ideia de Deus deveria ser modernizada. Tradicionalmente, as pessoas acreditavam que Deus fazia tudo com suas próprias mãos. E ele disse que isso não era assim. Ele acreditava que Deus criou leis universais. Que há um projeto grandioso na natureza que foi dado por Deus. Então, defendia que o fato de não termos uma teoria das espécies é um problema. Baden-Powell dizia: no dia em que tivermos uma teoria das espécies, entenderemos que até mesmo a vida é organizada por leis. E continuava: “em minha opinião, a teoria da evolução é agora uma necessidade filosófica. Precisamos dela para dizer que até mesmo no tocante à vida conseguimos ver que Deus criou leis universais que produziram até mesmo a humanidade. O universo tem um sentido moral. Então eles podiam conciliar evolução e religião bastante bem”. Outras pessoas não concordaram e disseram que Baden-Powell era um ateu. Mais uma vez, temos aí o debate.

LEIA MAIS...

Pietro Corsi já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. O material está disponível na página eletrônica do IHU.

* *O universo não foi criado para nós*. Publicada na Edição 306 da Revista **IHU On-Line**, de 31-08-2009, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1774

O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter

Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os clássicos da economia

Informações no sítio do IHU www.ihu.unisinos.br



Quando a TV quer fazer historiografia

POR LUCIANO CORREIA DOS SANTOS*

Na marcha sobre os demais campos sociais, o campo midiático já não se contenta com o papel tradicional do jornalismo no relato do cotidiano. De uns tempos pra cá, também faz parte de suas ambições o macrorrelato das operações e tramas que constitui o que o campo científico define como a História. De tanto referenciar-se como encarregada de contar o presente pela via consensualmente aceita do jornalismo, a mídia parece decidida a assumir um protagonismo neste que, até então, era espaço específico de pesquisadores e historiadores.

Uma das razões que coloca a mídia no centro do que Maria Cristina Mata¹ chama de a nova *Ágora* eletrônica é a convergência em torno dos produtos audiovisuais, em cujo centro a televisão encontra-se instalada e desempenhando seu papel hegemônico. A própria convergência é uma das interrogações que a história futura da comunicação nos impõe, pelo impacto que representou a revolução das novas tecnologias nos últimos anos e por tudo que este processo dinâmico deve consolidar no horizonte imediato do amanhã. A TV Digital, às vésperas de chegar aos lares, obriga um reposicionamento de “antigas” mídias

existentes, dentre elas a televisão. (Por mais curioso que pareça, a televisão brasileira atual, uma jovem de 56 anos, embora não exiba sinais de uma fadiga técnica, tecnológica ou existencial (seus conteúdos, funções e papéis etc.), pode estar encerrando mais uma de suas grandes etapas.

A priori - a construção é do autor - pode-se fracionar o desenvolvimento da TV em várias fases, mas são visíveis, aos olhos de quem se aventura pela sua história, três momentos importantes nesta trajetória. A primeira, que vai de sua implantação, em 18 de setembro de 1950, até a invenção do videoteipe, é marcada pelas transmissões ao vivo e pelo experimentalismo que resultou num surto criativo na busca de formatos próprios. Uma segunda poderia ser apontada a partir do extraordinário impacto que representou na sua linguagem e nos modos de produção o advento do VT. Uma terceira fase poderia ser localizada a partir dos processos digitais que revolucionaram a captura (gravação) e processamento (edição) das imagens.

Agora, com a TV digital, uma nova e igualmente impactante etapa colocará a televisão em trilhos ainda insondáveis, embora muito do que promete esta nova era televisiva já está chegando ao mercado. A razão de historiar a convergência midiática é para reafirmar

¹ MATA, Maria Cristina. “Entre plaza y la platea. In: SCHMUCLER, Héctor e MATA, Maria Cristina (orgs.) Política y comunicación. Córdoba, Catálogos, 1992, p.63-65.

* Jornalista, professor da Universidade Federal de Sergipe, doutorando em Ciências da Comunicação na Unisinos (RS) e membro do grupo de pesquisa CEPOS.

o papel central da TV num processo de crescente ocupação de espaços que só deve reforçar as tendências atualmente verificadas, dentre elas, a que abriu este artigo, a de colocar-se cada vez mais na função de contar a história.

No Brasil, este propósito - expresso ou não - de assumir um lugar na história, se possível "ajudando" a escrevê-la, tem sido unicamente da Rede Globo. Para o bem ou mal, é esta emissora - e nenhuma outra - que tem assumido posições de frente, mesmo que muitas vezes contrariando a lógica dos fatos e até mesmo ferindo a verdade. Mesmo quando força suas convicções para tentar fazê-las comuns à enorme audiência, é ela, fora do Brasil, difundido o modo brasileiro de fazer televisão, ou aqui, com suas novelas tão pasteurizadas quanto queridas da população, quem tem produzido um caldo cultural televisivo digno de análise.

Conhecedora das falhas do sistema de registro eletrônico e das possíveis manipulações que ele permite, estaria a Globo se aproveitando das brechas não preenchidas por uma política de arquivamento eletrônico para refazer seu caminho na história? Mais questões: numa era em que a memória é mediada pela TV, em que os fatos não midiáticos parecem simplesmente não existir, como fica o próprio desenrolar das tramas da história fora do foco midiático? E como ficará a própria história sendo

“Ao lado da notícia (relato do cotidiano, forma de inserção social), da publicidade e do entretenimento, a TV se propõe agora a fazer o relato da história”

contada pelo novo meio encarregado dos relatos históricos? Num país como o Brasil, de fraca tradição letrada e de farta penetração televisiva, imagina-se qual será a versão prevalecente dos fatos, portanto, da história definitiva. O problema não decorre só de possíveis manipulações, mas de insuficiência também, afinal, a Globo (e não só ela, mas todos os canais) não tem responsabilidade com a memória pública. Então, como resolver perdas que o sistema eletrônico a toda hora registra (nenhum sistema é infalível)? Confiar na memória humana? Estaríamos então de volta às tradições orais.

Não obstante, os múltiplos usos da televisão - pesquisadores sempre exploram o caráter educativo nos

programas de ensino à distância - a função essencial da TV, hoje o principal produto da indústria cultural, é agitar a esfera pública e promover a venda de mercadorias baseada no fetiche exercido pela publicidade². Assim, ao lado da notícia (relato do cotidiano, forma de inserção social), da publicidade e do entretenimento, a TV se propõe agora a fazer o relato da história. E fazendo-o ao seu modo: espetacularizando-a, inserindo-a no seu show cotidiano. A exemplo da educação à distância, que ela cumpre sem contraindicação, não haveria obstáculos ao registro da história, não fosse ele feito sem considerar as leis da historiografia, mas obedecendo a lógica do espetáculo.

No caso da Rede Globo, ninguém parece levantar-se contra sua fabulosa (sic) máquina de fazer ficção televisiva, não só pelo seu direito de livre expressão, mas, e principalmente, pela competência com que trabalha produtos hoje exportados para o mundo inteiro. Porém, com o poderio que assumiu na vanguarda da sociedade brasileira, ditando modos, usos e costumes, removendo velhos e imprimindo novos valores, espera-se dela, agora que se preocupa também com história e historiografia, a tolerância que é uma das marcas do país onde a Globo nasceu e cresceu.

² Ver Cultura de massa e níveis de cultura. ECO, Humberto. Ed. Perspectiva

REALIZAÇÃO:



CEPOS
grupo de pesquisa

UNISINOS 40 ANOS

2ª Edição do Curso

Mídia, Democracia e Políticas Públicas

De 19 a 23 de outubro, a partir das 19h.

Local: CPERS - Sindicato, em Porto Alegre (Av. Alberto Bins, 480, Centro).

Mais informações em www.grupocepos.net / 3591.1100 Ramal 1356

Aberto ao público e gratuito.

PATROCÍNIO:

FORD FOUNDATION

APOIO:

ABRAÇO

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 29-09-2009 a 03-10-2009.

“Se o governo tivesse coragem política, ele reestatizaria 100% da Petrobras”.

**Entrevista com Ildo Sauer, ex-diretor da Petrobras
Confira nas Notícias do Dia de 29-09-2009**

“Hoje, 77% das reservas mundiais de petróleo estão na mão de empresas estatais, só 7% do petróleo está na mão das chamadas grandes petroleiras, das chamadas sete irmãs, que, no século passado, partilharam o mundo, fizeram guerra, promoveram a miséria, derrubaram governos em nome dos lucros do petróleo”, aponta o especialista em Energia e ex-diretor da Petrobras.

“Belo Monte foi proposto por megalômanos e tram-biqueiros há mais de 20 anos”.

**Entrevista com Oswaldo Sevá, engenheiro mecânico
Confira nas Notícias do Dia de 30-09-2009**

As audiências que estão sendo realizadas para discutir a obra de Belo Monte não pesarão no licenciamento, afirma o especialista. “Trata-se de um alibi”. Segundo ele, “O projeto é completamente absurdo”.

Quem olha o Rio São Francisco?

**Entrevista com Rubens Siqueira, representante da
Comissão Pastoral da Terra (CPT)
Confira nas Notícias do Dia de 01-10-2009**

“Alguns falam que a transposição dará segurança hídrica às águas do nordeste. Mas nós perguntamos: aumentar a oferta hídrica para quem? Para fazer o quê? A que custo? Qual o desenvolvimento que está por trás da transposição?”, indagou o representante da Comissão Pastoral da Terra na Bahia.

Um país em luta.

**Entrevista com a equipe do Honduras en Lucha
Confira nas Notícias do Dia de 02-10-2009**

“Já existem vozes que começam a propor soluções do tipo político-militar de ordem internacional, e isso deixa poucas opções aos golpistas”. Esse é o relato de um grupo de resistência que luta para levar informações sobre Honduras para sua população dentro e fora do país.

Ficha limpa: “O principal aspecto são as condenações reiteradas por desvio de verbas”

**Entrevista com Marlon Reis, juiz
Confira nas Notícias do Dia de 03-10-2009**

O projeto Ficha Limpa, que está sob a análise da Câmara dos Deputados, visa melhorar o perfil dos candidatos a cargos eletivos do país. Se aprovada, vira lei e, com isso, barra as possíveis candidaturas que tenham delitos graves ou renunciaram para escapar de punições. O juiz Marlon Reis disse que acredita que o projeto vai ser aprovado, mas receia que, durante as análises dos deputados e senadores, sejam fixados critérios ou padrões que não representem um ganho efetivo para garantir a qualidade e honestidade do processo eleitoral.

Siga o Twitter do IHU
http://twitter.com/_ihu



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU
(www.ihu.unisinos.br).

Dia 05-10-2009
<i>Evento:</i> Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os clássicos da economia Texto de referência de Achyles Barcelos da Costa. Cadernos IHU Ideias número 47, 2006. O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter. O material está disponível em http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1158329722.22pdf.pdf .
Dia 05-10-2009
EAD - Espaço de Espiritualidade I - Abrir os olhos
Dia 07-10-2009
<i>IHU em Movimento - Direito em debate</i> Debatedor: Prof. Dr. Domingos Sávio Dresch da Silveira - Procurador da República Regional e professor da UFRGS Censurar não é controlar: mídia, direito e democracia
Dia 07-10-2009
<i>Fórum sobre indicadores socioeconômicos e políticas públicas: realidades e possibilidades para o Vale dos Sinos - Módulo II</i> Profa. Dra. Marilene Maia - Unisinos Indicadores socioeconômicos e as políticas públicas: realidades e possibilidades

Participe dos eventos do IHU

A programação completa está disponível no endereço eletrônico

www.ihu.unisinos.br

Relações de emprego são relações de poder

Moisés Waismann aponta as mudanças ocorridas no mundo do trabalho após crise financeira internacional

POR PATRICIA FACHIN

As consequências da crise financeira internacional foram sentidas em vários setores da economia mundial e, em especial, no mundo do trabalho. Além de acentuar a precarização, a turbulência também mudou o perfil dos trabalhadores contratados, informou Moisés Waismann, pesquisador do Departamento de Economia e membro do Observatório do Trabalho da Universidade de Caxias do Sul - UCS, em entrevista concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**. Waismann participou de um estudo que analisou os impactos da crise internacional no setor da indústria de transformação em Caxias do Sul, tema de sua palestra no IHU Ideias do dia 8-10-2009. Entre as mudanças observadas, ele acentua que, ao contrário de outras crises, “esta afetou aqueles que ganham mais, os que têm um salário maior (...), principalmente homens e pessoas com mais escolarização”. O professor reiterou ainda que surgiram novas relações de trabalho caracterizadas pelos trabalhadores terceirizados, autônomos e pequenos empresários. Na opinião dele, estas novas relações “podem mascarar a precarização do trabalho”. Na entrevista que segue, Waismann também acentuou que “o mundo do trabalho está sempre num tencionamento quanto à degradação das relações trabalhistas”. O IHU Ideias desta quinta-feira abordará o tema a partir das 17h30min, na sala 1G119, junto ao Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

Moisés Waismann concluiu o mestrado em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e atualmente é docente da Universidade de Caxias do Sul - UCS. Ele atua na área de Economia com ênfase em Economia dos Recursos Naturais. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que alterações a crise financeira gerou no mundo do trabalho, especialmente no setor da indústria de transformação em Caxias do Sul?

Moisés Waismann - A crise de setembro de 2008 afetou todo o mundo. A Organização Internacional do trabalho - OIT estima que 50 milhões de pessoas perderam o emprego por conta da crise, e que aumentará em 220 milhões o número de pobres, aqueles que vivem com menos que US\$ 2,00/dia, em todo o mundo. Então o que está acontecendo é um problema muito sério e que diz respeito a todos.

Na indústria da transformação, em Caxias do Sul, ocorreram dois movimentos (desligamento e admissão) que combinados concorrem para a criação/fechamento de novos postos de trabalho.

Ocorreu um aumento no número de trabalhadores desligados. Em março de 2009, o número de trabalhadores desligados foi de 4.098, o que representa um acréscimo de 1.040 (34%) em relação a setembro de 2008. Sobre a admissão de trabalhadores, houve

uma queda; em março de 2009, o número de trabalhadores admitidos foi 1.972, um decréscimo de 1.789 (-48%) em relação a setembro de 2008. Estes dois movimentos (desligamento e a admissão), combinados, resultaram na criação de novos postos de trabalho: em setembro de 2008 havia 703 novos postos de trabalho, dos quais, em março, foram fechados 2.126.

IHU On-Line - Além das mudanças quantitativas, quais foram as mudanças qualitativas em relação ao emprego? Qual é o perfil dos novos postos de trabalho?

Moisés Waismann - A crise também influenciou na qualidade dos postos de trabalho, ou seja, no perfil do trabalhador contratado. Sobre o ensino formal, verificou-se que os novos contratados tendem a apresentar mais escolarização. Outro fator observado é em relação à criação de novos postos: os homens perderam mais vagas do que as mulheres. Verifica-se, assim, uma tendência à substituição da mão-de-obra

masculina pela feminina. Ao que tudo indica, as trabalhadoras apresentam mais escolaridade, o que não significa que recebam melhores remunerações.

Outra observação importante que pode estar associada aos efeitos da crise foi a redução do salário médio dos trabalhadores. Enquanto, no mês de setembro de 2008, o salário aproximado do trabalhador desligado era de 2,23 salários mínimos, em março deste ano, passou para 2,39. Assim, houve uma tendência a desligar trabalhadores com salários maiores.

Sobre os trabalhadores desligados por faixa etária, observa-se a tendência de desligamento com mais idade, possivelmente aqueles que possuem uma renda maior, seja por tempo de serviço e/ou qualificação. Por outro lado, os que têm até 17 anos, possivelmente contratados como aprendizes, obtiveram um incremento positivo nas admissões. Verifica-se, de forma geral, que há nitidamente uma preferência por trabalhadores com até 30 anos, os trabalhadores nessa faixa etária foram os únicos a ter saldo posi-

tivo na variação de postos de trabalho e, com relação à renda auferida, são os que se encontram entre as faixas de menor a médio rendimento. Outro fato que evidencia essa tendência refere-se à criação de novos postos de trabalho, voltados mais para os trabalhadores que recebem até 1,0 salário mínimo. Desse modo, uma das conclusões da pesquisa é que um dos efeitos negativos da crise para o mercado de trabalho de Caxias do Sul foi a diminuição dos salários, enquanto em setembro de 2008, o salário médio era 2,02, em março de 2009, foi de 1,8, o que representou uma variação negativa de 20%.

A crise não afetou somente a criação de novos postos, mas também contribuiu para a mudança das características dos novos postos de trabalho. De setembro de 2008 para março de 2009, o mercado de trabalho mostrou as seguintes alterações: os trabalhadores passam a ser mais escolarizados, mais jovens, com menores remunerações e com uma tendência ao aumento da mão-de-obra feminina.

IHU On-Line - Que impactos a crise internacional gerou no quadro de empregos do mercado brasileiro? É possível estimar que classe social foi mais atingida pelo desemprego a partir dessa turbulência?

Moisés Waismann - O Brasil vinha mês após mês, desde 2006, num crescimento sustentado na criação de novos postos de trabalho. O consumo crescendo, as empresas produzindo. Em outubro do mesmo ano, o emprego começa a cair, e em dezembro (2006) atinge o seu pior desempenho; foram fechados mais de 650 mil postos de trabalho só neste mês. Ao contrário de outras crises, esta afetou aqueles que ganham mais, os que têm um salário maior, os níveis gerenciais e técnicos, principalmente homens e outros funcionários com mais escolarização. O caso da demissão dos técnicos da Embraer é um exemplo deste movimento.

IHU On-Line - O que um momento de crise como o vivenciado pela turbulência internacional revela sobre a precariedade do trabalho? Na sua avaliação, o trabalhador é “desvalorizado”, uma vez que precisa “lutar

pelo emprego” e ainda abrir mão de seu salário para poder se manter no trabalho, como aconteceu recentemente no Estado?

Moisés Waismann - Sobre a primeira parte da pergunta: O mundo do trabalho está sempre num tencionamento quanto à degradação das relações trabalhistas, e, desde os anos 1990, esta disputa está mais acirrada. A sociedade neoliberal acredita que os diretos dos trabalhadores são um entrave ao progresso. Na América Latina, somente cinco países têm um sistema de seguro-desemprego. Começam a aparecer as condições de trabalho dos chineses, dos indianos, dos trabalhadores norte-americanos e dos brasileiros. Isso é bom porque recoloca a centralidade do trabalho frente a uma supervalorização do mercado financeiro. Neste período, observa-se o surgimento de novas relações de trabalho, os trabalhadores terceirizados, os autônomos, os micros e pequenos empresários e, mais recentemente, a empresa individual. Em alguns casos, estas novas relações podem mascarar a precarização do trabalho. Sobre a segunda parte: é bom deixar claro que as relações de emprego são relações de poder e estão colocadas na mão de quem demanda trabalho. O trabalhador fica num dilema perverso: trabalhar e abrir mão dos seus direitos e de sua saúde ou ter os seus diretos e saúde e não ter trabalho. Precisamos de dinheiro para sobreviver nas cidades, onde vamos conseguir se não for trabalhando?

IHU On-Line - Com a crise financeira, as indústrias brasileiras, em especial as automobilísticas, ganharam bastante apoio do Estado. Podemos dizer assim que a economia brasileira se manteve estável. No próximo ano, a intervenção do Estado tende a diminuir. Nesse sentido, que perspectivas o senhor vislumbra para a economia nacional? Como ela irá se manter sem a intervenção do Estado?

Moisés Waismann - Penso ser esta uma grande oportunidade para ver como as empresas vão reagir. O governo brasileiro fez um grande esforço de renúncia fiscal para poder manter uma certa estabilidade na economia. Os trabalhadores deram a sua cota com a redução da jornada de trabalho, com redução de salário. E as empresas, o que fizeram? Será que apro-

veitaram este tempo para tornar os seus produtos mais competitivos? Se as respostas forem positivas, penso que temos a possibilidade de sairmos mais fortes desta crise. Se isso não ocorreu, teremos que repensar a organização do nosso mercado de produção de bens e serviços. Como podemos ter uma organização industrial que vive somente com subsídios do governo? Teremos que esperar um pouco mais para ter clareza sobre o próximo período. Muitas são as previsões, mas cautela se faz necessária.

IHU On-Line - Nesse contexto, que cenário o senhor vislumbra no que se refere à empregabilidade e ao mundo do trabalho? Que perfil de profissional e estrutura serão mais comuns? Quais serão os desafios nesse sentido?

Moisés Waismann - Os desafios estão postos, e agora que o discurso único do neoliberalismo não dá conta de explicar a realidade, podemos sentar e discutir possibilidades. É necessário reafirmar a centralidade do trabalho na nossa sociedade e desvincular trabalho de renda. Há mais de 30 anos, a produção de bens e serviços cresce com redução de postos de trabalho. Não tem trabalho para todos. Devemos criar outras formas: redução da jornada de trabalho sem a redução do salário possibilitaria a criação de mais postos de trabalho; pensar em postos de trabalho verdes, que levem em conta o limite da Natureza; valorizar e remunerar o trabalho de cuidadores de crianças e idosos; promover o acesso qualificado e remunerado à educação continuada. São muitas as possibilidades. Penso que pode ser o momento da sociedade discutir um futuro comum.

IHU On-Line - É possível, pós-crise, pensar em uma alternativa que defenda o emprego e maior distribuição de renda?

Moisés Waismann - É possível e necessário. Devemos pensar em como distribuir a renda que é gerada por cada vez menos empregos e empresas. É importante discutir o papel social das organizações ao invés de colocá-las na mão do governo. A sociedade está organizada desta forma porque historicamente se fez assim. Chegou a hora de pensar se esta forma responde as nossas necessidades atuais, e de garantir mais bem-estar.

“O capitalismo é um parêntese na história da humanidade”

Para o filósofo alemão Anselm Jappe, o capitalismo é um parêntese na história da humanidade, e não um destino inexorável. Já estamos observando seu colapso, garante. Teoria da multidão, de Hardt e Negri, é marxismo ortodoxo com “verniz pop”, além de impostura intelectual

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO VANISE DRESCHN

O capitalismo não é uma “realização necessária de toda a história”, mas apenas um “parêntese” nela. A ideia é do ensaísta alemão Anselm Jappe, que, em entrevista exclusiva, concedida pessoalmente à IHU On-Line, afirmou haver uma ontologização do capitalismo tanto por parte do pensamento burguês quanto por parte da dita esquerda. Esse valor “não tem um estatuto ontológico verdadeiro, mas pretende tê-lo”, como se o capitalismo fosse uma metafísica realizada. Segundo ele, inclusive os críticos do capitalismo não o fazem verdadeiramente, pois “se limitam a criticar o liberalismo, propondo como alternativa um capitalismo mais mitigado”. Jappe assegura que já observamos sinais de colapso desse sistema, e a crise econômico-financeira mundial é um deles: “O capitalismo vai terminar, e já estamos observando esse fim. Não é algo que irá acontecer de um dia para o outro, mas os sinais de esgotamento são visíveis”. Isso só vem a confirmar “o que a crítica do valor já havia dito há 20 anos”, acentua.

Jappe dá detalhes sobre a crítica que faz, junto com Robert Kurz, à teoria de multidão de Michael Hardt e Toni Negri. Em sua opinião, eles não pensam uma saída do capitalismo, e inclusive entendem o valor como algo positivo. O “negrismo”, dispara, é um marxismo tradicional com verniz pop, e uma “impostura intelectual”. Entretanto, a teoria faz sucesso porque tece “lisonjas a toda essa nova camada que trabalha no campo da informática”. Outro equívoco, assinala, é a equiparação errônea que esses autores fazem entre o conceito de trabalho abstrato e trabalho imaterial.

Momentos antes de proferir a conferência Crise, Crítica Radical e Emancipação Humana, proferida no IHU Ideias de 01-10-2009, Jappe conversou com a IHU On-Line. O grupo Crítica Radical, de Fortaleza, apoiou o evento. Filósofo e ensaísta nascido na Alemanha, realizou seus estudos na Itália e França, onde vive atualmente. Além de inúmeros artigos já publicados na revista alemã *Krisis*, é autor de *Guy Debord* (Petrópolis: Vozes, 1999) e *As Aventuras da Mercadoria* (Lisboa: Antígona, 2006). Leciona na Academia de Belas-Artes de Frosinone (Latium, Itália). Após a cisão interna do Grupo Krisis, posicionou-se ao lado dos autores que fundaram a revista *Exit!*, cujos principais integrantes são Robert Kurz, Roswitha Scholz e Claus Peter Ortlieb. Participa do Grupo Crítica Radical e da Revista “EXIT - Crítica do Capitalismo para o Século XXI - com Marx para além de Marx”. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que afirma que o capitalismo é apenas um parêntese na história humana?

Anselm Jappe - Trata-se de uma formulação polêmica, porque o capitalismo existe há, no mínimo, 200 anos nos países desenvolvidos como Inglaterra. Há antecedentes do capitalismo na época da Renascença, remontando ao século XIV. Disse que o capitalismo é um parêntese na história para fazer uma objeção à apologia atual que o vê como uma realização necessária de toda a história. Critico a ideia de que

a humanidade e a evolução avançam para algo melhor, e que o capitalismo seria uma espécie de apogeu da humanidade, uma forma de sociedade e de economia que vai permanecer para sempre. Muitas vezes, as apologias do capitalismo são feitas apresentando a democracia como uma forma finalmente encontrada para o convívio dos seres humanos. Assistimos, então, a uma espécie de ontologização do capitalismo. Isso consiste em dizer que pode haver diferentes modelos de capitalismo, mas ele se mantém no

mesmo enquadramento do valor, do dinheiro, da democracia e do Estado. Não é apenas o pensamento burguês, mas boa parte também do pensamento que se proclama ser de esquerda, que se converteu a essa ontologização do capitalismo, incapaz de imaginar algo diferente.

Com todas as mudanças propostas, pensam, mesmo assim, se permanecerá numa lógica capitalista ou se não volta a se cair na barbárie e no caos. Muitos daqueles que criticam o capitalismo hoje (como os altermundialistas

e associações como a ATTAC e todas aquelas pessoas que se encontram na cúpula do Fórum Social de Porto Alegre) não o criticam verdadeiramente, porque se limitam a criticar o liberalismo, propondo, como alternativa, um capitalismo mais mitigado.

Em oposição a essa eternização do capitalismo é que falo de um parêntese, dizendo que esse sistema foi o rompimento absoluto com todas as sociedades pré-capitalistas. O capitalismo não é apenas uma sociedade entre outras, constitui-se a fratura mais fundamental da história da humanidade, principalmente porque introduziu um dinamismo e uma orientação que estavam ausentes nas sociedades precedentes, que eram mais estáticas.

O capitalismo não é um destino inevitável

A partir disso, uma das principais características do capitalismo é a resistência ao fato de que a atividade social se entenda como trabalho, e o trabalho como valor, e o valor como dinheiro. Então, tudo isso não é natural, histórico e eterno. Tudo isso veio ao mundo com o capitalismo. Aliás, essa não é uma afirmação de Marx,¹ somente. Há estudos de Marcel Mauss²

1 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A edição número 41 dos Cadernos IHU Ideias, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1158330314.12pdf.pdf>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1224527244.6963pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

2 Marcel Mauss: refletiu sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamentos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Sobre Marcel Mauss, pode-se ler a entrevista de Alain Caillé publicada na IHU On-Line, n.º 96, de 12 de abril de 2004, a propósito da publicação do livro *História Argumentada da Filosofia Moral e Política*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158260072.35pdf.pdf>. O pensamento de Mauss é tema da palestra *A economia do dom e a visão de Marcel Mauss*, realizada

“Esse é o marxismo mais tradicional que temos, pintado com outras cores ou com outro verniz, um verniz mais pop”

e Karl Polanyi³ que mostraram o caráter radicalmente diferente das sociedades antes do capitalismo. Não estou falando apenas em sociedade etnológica, como Polanyi demonstrou que, no século XVII, havia lógicas sociais bem diferentes, ou como Thompson demonstrou em sua obra clássica, *A formação da classe trabalhadora na Inglaterra* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, volumes I, II e III).

Tudo isso permite demonstrar os diferentes pontos de vista, não somente marxistas, de que o traço fundamental do capitalismo não é algo natural do ser humano, mas pertence apenas a uma fase determinada da história humana. Deste ponto de vista, podemos dizer que o capitalismo é apenas uma fase da humanidade, e assim como veio ao mundo, pode, também, desaparecer. É claro que não quero dizer que o capitalismo seja um simples “incidente” depois do qual se podem mudar muitas coisas. Essa expressão mostra, simplesmente, que o capitalismo não é, necessariamente, um destino inevitável.

E quando falo em parêntese, não significa que havia uma espécie de sociedade feliz, e o capitalismo chegou como uma “erupção do mal”, e que esse parêntese vai se fechar para re-

pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Martins (UFPE), na programação do evento *Alternativas para outra economia*, em 10-10-2006. (Nota da IHU On-Line)

3 Karl Polanyi (1886-1964): economista austríaco. Sua obra principal é *A Grande Transformação - as origens de nossa época* (Rio de Janeiro: Campus, 2000), escrita nos Estados Unidos de 1940 a 1943. Sobre o economista a IHU On-Line 147, de 27-06-2005, dedicou o tema de capa *A grande transformação. As origens de nossa época. Os 60 anos da obra clássica de Karl Polanyi*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158343848.01pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

encontrar uma espécie de felicidade. Isso seria muito bom, mas não é o que acontece. O capitalismo vai terminar, e já estamos observando esse fim. Não é algo que irá acontecer de um dia para o outro, mas os sinais de esgotamento são visíveis.

IHU On-Line - Quais são os principais impactos da crise econômico-financeira atual no capitalismo, na política, no trabalho? Esse sistema está ameaçado com tal cenário mundial?

Anselm Jappe - De fato, a crise do ano passado confirmou o que a crítica do valor já havia dito há 20 anos. É claro que a crise financeira não é a causa da crise do capitalismo, mas, bem pelo contrário, a financeirização foi apenas uma maneira do capitalismo continuar vivendo, principalmente, através do endividamento contínuo. A crise financeira não era, simplesmente, devida à cupidez dos bancos ou especulação que roubava dos trabalhadores, mas se deu, essencialmente, a emergência da verdadeira realidade de hoje, ou seja, o esgotamento do valor, a sua saturação. Graças ao desenvolvimento tecnológico, se usa cada vez menos a força de trabalho para a produção de mercadorias. E menos força de trabalho significa, também, menos valor e mais dificuldade para acumular capital na produção do real. É por isso que o capital vai se refugiar na especulação para ficar no capital fictício.

Retorno da financeirização

Com a crise, há uma espécie de retorno na financeirização. Essa financeirização é uma remissão da crise, e não a sua causa. Ao contrário, é um modo de esconder e ocultar essa crise. Muitas empresas ou estados que já deveriam ter decretado falência há muito tempo, simplesmente continuam existindo, acrescentando, a cada ano, mais um zero a seus números.

Com a verdadeira crise que começa a emergir em plena luz do dia, há um grande aumento do desemprego na Europa. Agora se diz que ela passou, e que a economia está sendo retomada. Contudo, fora alguns ciclos que continuam possíveis, há uma “retomada” pelo fato de que são queimadas reser-

vas de um modo nunca visto antes.

Para compreender isso, devemos prestar atenção em determinados fatos precisos. Na França, pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, o patrimônio acumulado dos franceses diminuiu de forma significativa. Até mesmo as classes médias, que podiam cobrir suas despesas, começam a vender seus bens imobiliários não apenas para investir, mas para saldar compromissos. Cada família está endividada em, pelo menos, 15 mil euros. Praticamente toda a Itália tem de trabalhar quase que gratuitamente para poder reembolsar essa dívida.

Nos EUA, a situação é ainda mais extrema. Quando falamos em bancos e que o governo intervenha, permanecemos, ainda, numa esfera larga das finanças. Entretanto, o que pode acontecer é uma reação em cadeia, porque sabemos que todas as dívidas irão criar uma espécie de corrente. Há um verdadeiro risco de que todas essas correntes se rompam e haja um grande pânico.

Até aqui, as instituições conseguiram evitar esse pânico. Muitas vezes, elas se vangloriam em ter aprendido a lição com o que houve em 1929 e que agora sabem administrar a crise, mas, na verdade, não há nenhuma solução estrutural, nenhum novo modelo de acumulação e nenhuma indústria que utilize de forma maciça a força de trabalho. Evita-se a crise, simplesmente, oferecendo cada vez mais crédito. No final das contas, é o mesmo que acontece com quem bebeu e acorda de ressaca, e soluciona o problema bebendo ainda mais.

IHU On-Line - O valor alcançou uma ontologização em nossa sociedade? Em caso positivo, como podemos falar em fim da metafísica se o valor atingiu esse status ontológico?

Anselm Jappe - O valor não tem um estatuto ontológico verdadeiro, mas pretende tê-lo. Pretende-se que toda estrutura tenha um valor que possa ser trocado no mercado, mas, na verdade, essa é uma ilusão coletiva. Ultimamente, existem análises do capitalismo não apenas como um sistema econômico, mas como uma espécie de metafísica re-

**“Evita-se a crise,
simplesmente,
oferecendo cada vez
mais crédito. No final
das contas, é
o mesmo que
acontece com quem
bebeu e acorda de
ressaca, e soluciona o
problema bebendo
ainda mais”**

alizada. A modernidade gosta muito de se apresentar como uma espécie de secularização, pensa ser muito superior às religiões antigas. A religião foi abandonada, e, em seu lugar, se adotou a “metafísica do real” ou, ainda, a “metafísica realizada”. Marx chamou a mercadoria de ser sensível e suprassensível. A mercadoria, o seu fetichismo, é uma forma de religião, não no sentido banal, de se dar importância demais à mercadoria, mas no sentido que as mercadorias e seus movimentos, o que chamamos de mercado, podem ter estabelecido uma dominação impessoal em nossas sociedades, porque esquecemos que fomos nós que criamos essas mercadorias e suas leis. Foi por isso que Marx falou do fetichismo da mercadoria já a partir de 1842, e tomou esse termo já na *Crítica à religião*. Ele se referia aos modernos, que se achavam tão modernos, e que, na verdade, não são muito diferentes daquilo que chamamos de selvagens. Há a projeção de um poder coletivo sobre um ser que é considerado como sendo independente desse poder humano. Por isso que podemos estabelecer uma relação entre a teoria do fetichismo de Marx com a teoria antropológica do fetichismo como encontramos em Émile Durkheim⁴.

4 David Émile Durkheim (1858-1917): conhecido como um dos fundadores da Sociologia moderna. Foi também, em 1895, o fundador

IHU On-Line - Você e Kurz⁵ contestam a teoria do Império e Multidão, de Hardt⁶ e Negri⁷. Quais são os prin-

do primeiro departamento de sociologia de uma universidade européia e, em 1896, o fundador de um dos primeiros jornais dedicados à ciência social, intitulado *L'Année Sociologique*. (Nota da IHU On-Line)

5 Robert Kurz: sociólogo e ensaísta alemão, co-fundador e redator da revista teórica *Krisis - Beiträge zur Kritik der Warengesellschaft (Krisis - Contribuições para a Crítica da Sociedade da Mercadoria)*. A área dos seus trabalhos abrange a teoria da crise e da modernização, a análise crítica do sistema mundial capitalista, a crítica do Iluminismo e a relação entre cultura e economia. É autor de *O Colapso da Modernização* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993) e *Os Últimos Combates* (Petrópolis: Vozes, 1998). A IHU On-Line entrevistou Kurz na 98ª edição, de 26-04-2004, sob o título *A globalização deve se adaptar às necessidades das pessoas, e não o contrário*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158260659.15pdf.pdf>. Dele publicamos, ainda, um artigo intitulado *O declínio da classe média*, originalmente veiculado na *Folha de S. Paulo*, em 19 de setembro de 2004 e outro artigo na edição 26, de 15 de julho de 2002, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161372042.91pdf.pdf>. Na edição 161, de 24-10-2005, Kurz concedeu a entrevista *Novas relações sociais não podem ser criadas por novas tecnologias*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158347724.5pdf.pdf>. Confira, ainda, as entrevistas *O trabalho abstrato se derrete como substância do sistema*, publicada na edição 188 de 10-07-2006, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158344143.77pdf.pdf>, e *O vexame da economia da bolha financeira é também o vexame da esquerda pós-moderna*, publicada na edição 278 da IHU On-Line, de 21-10-2008, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1376. (Nota da IHU On-Line)

6 Michael Hardt (1960): teórico literário americano e filósofo político radicado na Universidade de Duke. Com Antonio Negri escreveu os livros internacionalmente famosos *Império* (5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003) e *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005). (Nota da IHU On-Line)

7 Antonio Negri (1933): filósofo político e moral italiano. Durante a adolescência foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 2000 publica o livro-manifesto *Império* (5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003), com Michael Hardt. Atualmente, após a suspensão de todas as acusações contra ele, definitivamente liberado, ele vive entre Paris e Veneza, escreve para revistas e jornais do mundo inteiro e publicou *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005), também com Michael Hardt. Sobre essa obra, publicamos um artigo de Marco Bascetta na 125ª edição da IHU On-Line, de 29-11-2004. O livro é uma espécie de continuidade da obra anterior da dupla, *Império*. Ele foi apresentado na primeira edição do evento *Abrindo o Livro*, promovido pelo IHU, em

cipais aspectos dessa crítica?

Anselm Jappe - A teoria da multidão, de Hardt e Negri nada mais é do que uma versão pós-moderna do marxismo mais tradicional, baseada na ideia de que a força de trabalho enquanto tal já está fora da relação capitalista, e que o capitalismo não é senão uma espécie de apropriação do que os operários criam. Na verdade, enquanto portadores de um metabolismo com a natureza, como diz Marx. Para o marxismo tradicional, foram os operários industriais que garantiram esse metabolismo. Negri simplesmente substituiu o operário industrial pelo operário imaterial, ou “informático”, ou aquele que trabalha na cultura. Na verdade, ele e Hardt não conseguem nem mesmo pensar uma saída do capitalismo. Pelo contrário. Falam de autovalorização da multidão. Inclusive entendem o valor como um valor positivo. Eles querem simplesmente liberar a produção em relação a essa espécie de parasitismo de uma classe que não trabalha e controla os meios de produção.

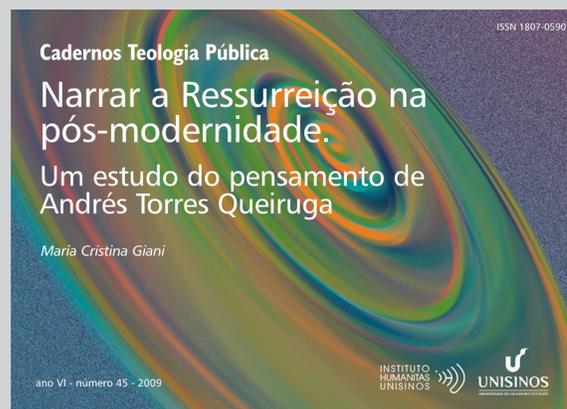
Esse é o marxismo mais tradicional que temos, pintado com outras cores ou com outro verniz, um verniz mais pop. Negri e Hardt utilizam o conceito de trabalho abstrato mas não entendem absolutamente nada desse conceito em Marx, considerando-o que é igual ao trabalho imaterial. Então, todo o “negrismo” pode ser qualificado como uma impostura intelectual. Mas tem sucesso porque lisonjeia a toda essa nova camada que trabalha no campo da informática, por exemplo. Há relações totalmente acrílicas com o conteúdo da vida capitalista. Eles dão um tom positivo a tudo que tem a ver com a “cultura capitalista”, com as formas de sujeito, da dissolução dos antigos vínculos.

abril de 2003. Em 2003 estive na América do Sul (Brasil e Argentina) em sua primeira viagem internacional após décadas entre o cárcere e o exílio. (Nota da IHU On-Line)

LEIA MAIS...

“Grundrisse” de Marx. Um outro paradigma teórico para os desafios contemporâneos, publicada nas **Notícias do Dia** 19-06-2006, disponível para **download** em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=3115

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Darli de Fátima Sampaio

POR GRAZIELA WOLFART | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Aparanaense Darli de Fátima Sampaio, integrante do Centro de Pesquisa e Apoio ao Trabalhador (Cepat), com sede em Curitiba, é quem conta a sua trajetória de vida nesta semana. Darli tem um grande trabalho com as camadas populares da sociedade. Durante a entrevista, concedida, por telefone, à revista IHU On-Line, duas marcas fortes são perceptíveis em sua personalidade: religiosidade e militância. Foram anos dedicados aos movimentos sociais e ao Partido do Trabalhador (PT). Seu conceito de fé, hoje diferente do aprendido na infância, nos faz refletir, pois Darli nos coloca diante de uma definição que rumo para o caminho do individualismo e outra que se alicerça no socialismo. Confira, a seguir, a história de vida desta mulher.



Foi na Lapa, cidade localizada a aproximadamente 50 km de Curitiba, que Darli nasceu. Ela conta que o município foi fundado por gaúchos, e é por isso que a cultura é muito ligada ao Rio Grande do Sul. “Sou filha de agricultores. Meus pais trabalhavam na roça, mas, como eu tive poliomielite, eles acharam melhor mudar para a cidade, já que na roça o meu futuro estaria comprometido”. Darli é a filha mais velha de outros três irmãos. Um falecido, por conta de problemas cardíacos e que também viveu o drama do alcoolismo. “Pergunto-me se dei a ele toda a atenção de que necessitava.”

A religiosidade é o principal valor que a família cultivou em Darli. “Minha mãe é uma mulher de muita fé, que sempre superou as dificuldades a partir desse referencial. Rezávamos juntos, íamos à missa, fizemos primeira comunhão e crisma”. Com o passar do tempo e com outras experiências pelas quais Darli passou, sua fé sofreu modificações. “Meus pais nunca foram militantes, mas sempre cultivaram uma fé que

estivesse a serviço do outro. Minha mãe ajudava vizinhos que estavam passando necessidades, e meu pai emprestava um pouco de dinheiro para as pessoas que não tinham. Mas não era uma fé que se comprometia com uma transformação de uma realidade de vida. Era uma fé estendida às pessoas mais próximas e também uma fé imediata”.

Hoje, a fé que Darli tinha, ampliou-se para uma fé que está comprometida com os necessitados sim, mas que exige uma transformação do social, um resgate da dignidade de qualquer pessoa, estando próxima ou não. Esta mudança é resultado da sua larga atuação na militância. “Passei a ter mais compaixão. E a perceber que as pessoas são colocadas em situações diferenciadas, desiguais e injustas. O referencial de fé também te ajuda a superar as dificuldades. Você se torna resiliente, forte para enfrentar os impactos da vida”.

A trajetória estudantil de Darli foi marcada por períodos de estudos em colégios de padres e freiras. Ela lem-

bra que a primeira escola fazia parte da congregação apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, “a qual eu escolhi para entrar mais tarde, na minha trajetória de vida”. Depois de concluir os estudos do Ensino Médio, Darli interrompeu sua formação e foi para a militância. Mais tarde fez graduação em Filosofia na PUC, pós em sociologia política e mestrado em sociologia do trabalho.

“A militância foi o meu maior referencial na vida”. Antes de entrar no convento, Darli participava de um grupo de jovens muito envolvidos com as causas populares, que fazia uma leitura crítica do mundo, das coisas ao seu redor. Os interesses do grupo se voltavam para melhorias para o bairro e os organismos públicos que poderiam beneficiar a população. “Deste grupo, passei para a Associação de Moradores. De lá, para a Pastoral Operária. Da pastoral, fundamos os núcleos do PT na região. Comecei a militar por volta de 1979 e sempre tentei não desvincular-me da comunidade.”



Outras instituições como o Centro Comunitário de Manutenção (Cecoma), que trabalhava a questão da alimentação popular para baratear os alimentos, também fizeram parte da vida de Darli. “Depois do Cecoma, fui liberada da Pastoral Operária da Arquidiocese para ajudar nas reflexões de base. Trabalhei muitos anos como dirigente do PT, e alguns cargos de direção, como secretária-geral da secretaria de movimentos populares e nucleação. Do Partido, fui para a coordenação do Centro de Formação Urbano-Rural Irmão Araújo (Cefuria), uma entidade que sempre esteve na nossa caminhada, mas estava quase fechando as portas”.

Após três anos neste Centro, Darli foi convidada a trabalhar na Pastoral Operária Nacional, o que a fez se mudar para o Rio de Janeiro. “Voltando para o Paraná, voltei também para o Cefuria e para a coordenação. Depois de sete anos, recebi o convite para trabalhar no Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores (Cepat), onde estou há cerca de cinco anos e, no momento, me dedico à Escola de Gênero, Trabalho e Sustentabilidade, que está concluindo agora seu segundo ano de funcionamento, tendo formado e transformado a vida de aproximadamente 100 pessoas”. Darli não é casada, nem tem filhos, uma condição que no caso das mulheres, por um lado, facilita a participação, a galgar cargos de direção. Porém, de outro lado, sobrecarrega de responsabilidades e cobranças. Consi-

“Há certo descrédito. A política cada vez mais passou a ser uma coisa errada, que não vale a pena investir”

dera que sua concepção de família não passa apenas por uma formação de um núcleo. “É claro que é muito importante ter os pais e irmãos por perto, mas hoje estou inserida no que considero uma família maior, que é a da militância”.

Aprendizado

Analisando sua trajetória até aqui, Darli avalia que a vida é uma troca. “Cada um tem um referencial de vida, que vai marcando a gente. Minha trajetória junto com as pessoas faz parte de um aprendizado”. Darli destaca que mesmo quem não passou por uma instituição acadêmica tem conhecimentos impressionantes. “Estas pessoas têm um tesouro pessoal que faz parte da sua leitura do mundo, do ouvir, ver e sentir esse mundo nas experiências vividas”. Para Darli, pessoas que trabalham nas comunidades, com setores marginalizados e discriminados na sociedade, têm consciência que trabalham com gente muito maltratada, machucadas, desconsideradas

na vida. “É uma sociedade que não está dando certo do ponto de vista da dignidade e do resgate da pessoa humana. E nós temos que ter alguma coisa a ver com tudo isso!”

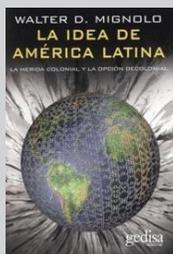
Sonho

Quando o assunto é o grande sonho de vida, Darli vacila. Acha que sonhos são mutáveis e se pergunta: “O que mais eu posso querer? Do ponto de vista material, sou uma ‘incluída’. Do ponto de vista afetivo, meus recebimentos são enormes. Não estou interessada na decantada felicidade, que também acontece na vida, assim como o seu contrário. Meu sonho, se é que pode ser definido assim, está em ter a coragem de viver bem a vida, e em tudo o que ela me reservar. Na forma mais focada, sonho que a nossa Escola de Gênero, Trabalho e Sustentabilidade dê certo. E que possa fazer alguma diferença na vida das pessoas”.

Política brasileira

Para Darli, a política vive um momento muito complexo, no qual não há mais vinculação com o campo social. “Há certo descrédito. A política cada vez mais passou a ser vista como uma coisa errada, que não vale a pena investir. É sempre uma aposta, mas não é a única que devemos fazer. A política é importante, mas tem que se transformar, porque está voltada a benefícios particulares”.

Sala de Leitura



>> MIGNOLO, Walter. *La Idea de América Latina. La herida colonial y La opción decolonial* (Barcelona: Gedisa, 2007)

“Em *La Idea de América Latina*, Mignolo analisa a história dos silêncios produzidos no processo de invenção da América Latina, pelos relatos do início do século XVI, que desconsideram toda a história anterior dos povos dessas terras. Esses silêncios continuaram a ser (re)produzidos durante os 500 anos seguintes, nos quais vigorou o modelo de humanidade ideal do homem branco, cristão e europeu. Quanto a esse aspecto, o autor é enfático: a ideia de América e América Latina se constituiu por meio da classificação racial do mundo, em que o critério eram os ideais ocidentais cristãos (MIGNOLO, p. 43). Tecendo argumentos em torno dessa questão, o livro se propõe a contribuir para a ousada tarefa de reescrever a história da América Latina com bases em outra lógica, em outra linguagem e em outro marco de pensamento”.



Ana Galarraga, colaboradora do Programa Teologia Pública, do IHU

>> LAMBERT, Angela. *A história perdida de Eva Braun* (São Paulo: Globo, 2007)



“A autora tenta resgatar com documentos históricos a vida da mulher que viveu ao lado de Hitler até seus últimos momentos. Quem foi, como viveu no período da guerra. Nos faz repensar a verdade de cada um, o quanto Eva viveu em um mundo fora da realidade ou de como agiríamos se tivéssemos vivido na Alemanha nesse período. O livro retrata os personagens sem romantismos, e mostra, também, Hitler como homem,

sua afeição por cães, bem como um conquistador de mulheres jovens”.

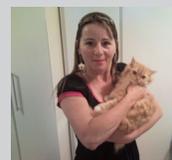
Gisele Rodrigues da Silva Ferrasso, funcionária do Laboratório de Editoração Eletrônica (LEE) da Unidade de Ciências da Comunicação da Unisinos



>> BAHIA, Melissa Santos. *Responsabilidade social e diversidade nas organizações: contratando pessoas com deficiência* (Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2006)

“Estou lendo o livro *Responsabilidade Social e Diversidade nas Organizações: Contratando Pessoas com Deficiência*. Nele, a autora aborda a inclusão de pessoas com deficiência (PCD) no mercado de trabalho. Ela sugere que o principal impedimento da inclusão natural de PCD nas organizações é a falta de informação e conhecimento que estas pessoas têm dos direitos à convivência não-segregada e também a falta de acesso aos recursos disponíveis aos demais cidadãos. A tônica da obra é a necessidade de aprendermos a ter respeito à diversidade em todos os ambientes (sociais e profissionais). A partir deste momento, a inclusão acontecerá naturalmente”.

Miriam Ferragini Müller, funcionária do setor de Serviços Sociais da Unisinos



>> O que você está lendo? Compartilhe uma dica de leitura com a IHU On-Line. Professores e funcionários da universidade podem escrever para mjunges@unisinos.br



IHU Repórter

Monise Jacques

POR MÁRCIA JUNGES | FOTO ARQUIVO PESSOAL

A laboratorista de apoio ao ensino da Agência Experimental de Comunicação (Agexcom), Monise Jacques, serve como inspiração para todos aqueles que acreditam na vida e na capacidade de superação do ser humano. Com perda auditiva severa desde seu nascimento, ela só recebeu o diagnóstico de deficiência auditiva aos 4 anos. Até então, lia os lábios e falava com alguma dificuldade, fato que alertou seus pais a investigar a fundo o caso. Com apoio familiar, Monise desenvolveu uma autoconfiança inabalável: “Não sou vítima de nada. Sou feliz e realizada”. Aos 22 anos, estuda Enfermagem na Unisinos e curte ao máximo a vida dentro e fora do campus. Conheça mais sobre nossa colega na entrevista a seguir.

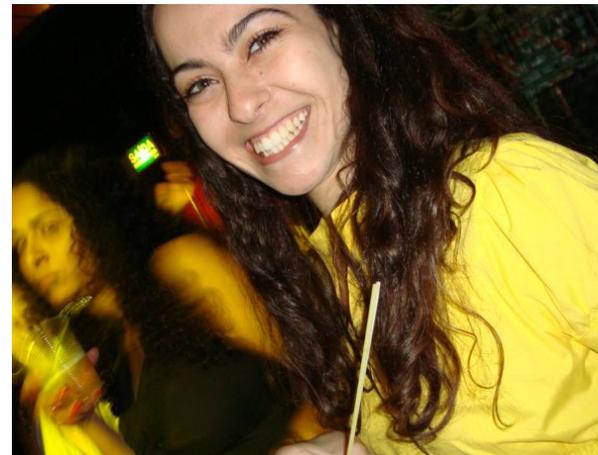
Origens - Nasci e cresci em São Leopoldo. Continuo morando com meus pais, Clóvis e Leda. Tenho um irmão que é um ano e sete meses mais velho do que eu, o Maurício. Tive uma infância boa, tranquila. Brinquei muito.

Estudos - Fiz o Ensino Fundamental no Sinodal, e o Ensino Médio no Concórdia. Depois me formei técnica em Informática. Sempre tive uma base importante da minha família. Meus pais me apoiam até hoje. A ideia de cursar informática surgiu de conversas com eles, pois, através dessa qualificação, pensamos que eu conseguiria um emprego. E deu certo. Atualmente, faço graduação em Enfermagem na Unisinos. Comecei com Fisioterapia na Feevale, mas tão logo me tornei funcionária da Unisinos, transferi o curso para cá. Interessa-me a questão do cuidado com as pessoas, o que me atraiu para a Enfermagem. Estou aproximadamente no quarto semestre.

Deficiência auditiva - Nasci prematura, de 7 meses. Contraí infecção hospitalar e tive um princípio de meningite. De acordo com o otorrinolaringologista que diagnosticou minha

surdez, essa doença foi, provavelmente, a causa dessa perda severa de audição. O diagnóstico foi feito quando eu tinha quatro anos. Até então, meus pais desconheciam que eu não ouvia. Eu “enganei-os” até esse momento, pois aprendi sozinha a ler lábios. Até hoje, usando aparelhos auditivos, continuo a ler os lábios. O que eu não entendo pela audição, compreendo por essa técnica.

Na infância, como eu e meu irmão éramos muito próximos, prestava bastante atenção quando ele conversava, aos movimentos da sua boca. Tudo o que ele falava, eu compreendia. E assim funcionava quando as outras pessoas falavam comigo. Quando eu estava de frente para elas, não havia problema algum. Mas quando eu não via seu rosto, a história mudava. Além disso, como eu falava muito errado, minha mãe começou a desconfiar que algo não ia bem. Minhas tias também a alertaram para a possibilidade de que eu não ouvisse direito. Mas ela desconversava, achava que eu apenas não estava prestando atenção. Até os quatro anos, consultei vários fonoaudiólogos e nenhum pediu uma audiometria. Até mesmo meu pediatra dizia



que o fato de eu falar tão errado não era um problema, se comparado com o jeito que meu irmão falava, por exemplo. Segundo o médico, cada filho era diferente do outro. E a minha surdez continuava sem ser descoberta.

Primeiros sons - Coloquei o aparelho auditivo após uma grande mobilização na escola, para angariar fundos para sua compra. Após algum tempo, passei a usar o segundo aparelho, na outra orelha. Até então, eu nunca havia ouvido um som. Tudo era novidade, e me espantava. Como o aparelho não pode ser molhado, todas as vezes que entrava no mar, precisava tirá-lo. Porém, num dia nublado em que meu pai, meu irmão e eu decidimos não entrar na água, fui me aproximando do mar usando o aparelho. Fiquei apavorada, e comecei a chorar de medo daquele “barulhão” do mar.

O fato de usar aparelhos auditivos gerou um questionamento no princípio. Eu não entendia porque eu tinha que usar, e meu irmão, não. Eu vivia perguntando isso. Meus pais explicavam, com toda calma, o que havia acontecido, e diziam que eu também ouvia como meu Mano, mas que havia acontecido um probleminha no meu nascimento.



>> MONISE COM A FAMÍLIA. NA FOTO AO LADO, COM OS COLEGAS DE TRABALHO

Preconceito - Quando criança, certa vez, cheguei chorando em casa porque na escola me chamaram de surda. Minha mãe, mesmo com o coração doendo, respondeu: “Mas você é mesmo surda, minha filha. Não há problema algum nisso. Olhe quantas coisas boas você faz, e veja como você é bonita”. Isso me deu autoconfiança. Passei por outras situações desagradáveis, como ao fazer o teste físico para carteira de motorista, e com uma professora que berrou comigo porque eu não ouvi o que ela me disse. Mas isso é tão pequeno! Teve, ainda, o caso de um aluno que atendi aqui na Agexcom e que pensou que eu fosse estrangeira, porque falo de uma forma um pouco diferente. Expliquei-lhe minha deficiência e ele ficou envergonhado, mas eu realmente não fiquei magoada. As pessoas não conhecem quase nada sobre esse assunto, e eu faço questão de falar sobre ele para desmistificá-lo. Na sala de aula, sento-me bem à frente para acompanhar tudo que o professor está dizendo. No curso de Enfermagem, preciso de algumas adaptações, como no uso do estetoscópio. Para isso, tenho o apoio dos meus professores. Para usar o telefone convencional, preciso ativar o viva-voz. No celular, normalmente, consigo ouvir bem. Na maioria das vezes, as pessoas não sabem que tenho essa deficiência, porque quando solto o cabelo, não dá para ver nada. E não me sinto alvo de preconceito. Não assumi o papel de vítima. Sou uma pessoa muito feliz e realizada.

Trabalho - Sou laboratorista de apoio ao ensino da Agência Experimental de Comunicação (Agexcom). Uma das minhas responsabilidades

é a parte de informática. Também cuido das questões burocráticas relativas aos nossos estagiários, junto ao Unisinos Carreiras, além de outros aspectos administrativos. Há muitas possibilidades de trabalho para pessoas com deficiência auditiva, como intérpretes em repartições públicas, e na própria área da saúde, pois, é raro que haja profissionais em um hospital que compreendam a linguagem dos surdos¹. Conheço somente o nível 1 da LIBRAS, que é a forma de comunicação dos surdos. Mas preciso aprender mais sobre isso. É que nunca tive muito contato com pessoas que tinham essa deficiência.

Horas livres - Gosto de basquete, mas faz tempo que não pratico. Estou meio sedentária agora. Adoro cinema, ir a festas, sair com meus amigos, estar com minha família, com meu namorado. Ficar em casa, dar uma voltinha no shopping e viajar são outros passatempos.

Fé e política - Creio em Deus, mas não costumo ir à igreja com frequência. Quanto à política, eu gostaria que tudo fosse melhor. Na época das eleições, os candidatos prometem tudo e depois não cumprem. É decepcionante. Mesmo assim, continuo votando e com esperança. Anular o voto não é uma boa opção. Precisamos nos manifestar. Já tive várias decepções políticas, mas não desisto. Assim como faço um curso na área da saúde para ajudar as pessoas, penso que pode

¹ LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais. Ao contrário do que se costuma afirmar, essa não é uma linguagem dos surdos-mudos, pois o uso do termo “surdo-mudo” é incorreto. O surdo não fala, pois ele não ouve, mas emite sons. Assim, ele não é mudo. (Nota da entrevistada)

aparecer um político com esse objetivo, para fazer o bem aos outros.

Sonhos - Tenho algumas ambições, mas nada fora do comum. Pretendo me formar em Enfermagem e ser bem sucedida nesta profissão. Continuar construindo minha vida com o que adquiri até hoje, buscando sempre novos desafios, sem deixar de fazer o que gosto, como, por exemplo, viajar e conhecer novos lugares. Só peço sempre que tenha saúde o suficiente para ir atrás dos meus sonhos, pois, quando realizamos um, tratamos logo de sonhar novamente. Isso é muito importante: nunca parar de sonhar.

Unisinos - Iniciei aqui em novembro de 2007, logo após saber que a universidade admitia pessoas com deficiência física. Em função da minha qualificação em informática, pensei que esse diferencial seria importante na hora do processo seletivo. Deixei meu curriculum no setor de Departamento Pessoal e, após dois meses, fui chamada. Algo que me impressionou muito foi o fato de, logo após minha contratação, ser chamada pelo setor de Serviço Social. Eles queriam saber se eu precisava de algo especial para minhas tarefas em função da deficiência auditiva. Embora eu respondesse que não precisava de nada diferente, essa consideração me fez sentir bem. Outra coisa que me marcou muito foi ter sido funcionária homenageada, por duas vezes, em formaturas dos cursos de Comunicação Social. Sinto-me integrada e valorizada dentro do ambiente do campus. Acho importante a preocupação ambiental da Universidade.

Possibilidades e limites das nanotecnologias

A obra *Uma Sociedade Pós Humana? Possibilidades e Limites das Nanotecnologias* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009) resulta de um simpósio organizado pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU que reuniu pesquisadores e pesquisadoras de áreas múltiplas, como física, química, biologia, medicina, sociologia, antropologia, filosofia e teologia, proporcionando um debate transdisciplinar sobre os impactos das nanotecnologias na sociedade humana e no Planeta.

Assim, os textos que compõem este livro são o fruto de um processo que debateu as implicações das nanotecnologias sobre o futuro da espécie humana e do Planeta, mapeando os possíveis impactos sociais, econômicos, antropológicos, ecológicos e religiosos decorrentes das novas tecnologias.

O livro é organizado por Inácio Neutzling e Paulo Fernando Carneiro de Andrade e está à venda na Livraria Cultural da Unisinos por R\$ 25,00.

